



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Narrativas Estudantis: a prática de intercâmbio como
experiência radical na formação docente para estudantes de Pedagogia

Laís Raíanna Guedes Cruz

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília
2016



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Narrativas Estudantis: a prática de intercâmbio como
experiência radical na formação docente para estudantes de Pedagogia

Laís Raína Guedes Cruz

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Brasília
2016

CRUZ, Laís Raínna Guedes.

Narrativas Estudantis: a prática de intercâmbio como experiência radical na formação docente para estudantes da Pedagogia/ Laís Raínna Guedes Cruz – Brasília, p.69, 2016.

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2016

Professora orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Palavras-chave: *Semillero de Investigación*; intercâmbio; experiência; narrativa.

TERMO DE APROVAÇÃO

LAÍS RAÍNNA GUEDES CRUZ

**NARRATIVAS ESTUDANTIS: A PRÁTICA DE INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA
RADICAL NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA ESTUDANTES DE PEDAGOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues
(Orientadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Professora Maria Alexandra Militão Rodrigues
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Professor Fernando Bomfim Mariana
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Faculdade de Educação

Ao Sol e à Lua, que dançando lá de cima
me permitem o movimento aqui de baixo.

Narrativas Estudantis: a prática de intercâmbio como
experiência radical na formação docente para estudantes de Pedagogia

Laís Raína Guedes Cruz

“Meu coração, que não cabe nesse mundo
e precisa transbordar.”

Gabriel, o Pensador

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar, a partir de narrativas estudantis, se a prática de intercâmbio pode se configurar como experiência radical na formação docente inicial para estudantes de Pedagogia. Diretamente ligados ao objetivo geral, os objetivos específicos foram compreender como se dá a experiência de ser outro na língua e na cultura, pesquisar a história dos projetos *Semillero* na América Latina e como a formação docente inicial pode se constituir e se potencializar a partir do intercâmbio. Para interlocução teórica, dialogamos com autores como Benjamin (1986), Bondía (2002), Freire (1996), López de Maturana (2009), Calvo (2013), Rancière (2002) e Reis (2011), que propõem uma educação libertadora e compreensões acerca dos conceitos de intercâmbio, experiência e narrativa. A abordagem qualitativa foi nossa escolha metodológica, utilizando como entrevistas semiestruturadas as narrativas de estudantes que passaram pela experiência do intercâmbio. Como considerações finais, percebemos que a prática do intercâmbio se configura como uma experiência radical na formação inicial docente, despertando a sensibilidade também no trabalho educativo, assim como o reconhecimento do outro e de seu contexto social e cultural. Confirmamos a transformação do sujeito que vive noutra língua e cultura, o espaço de resistência que se configura o *Semillero*, que floresce em meio tradicional de educação, e na constituição e potência que a experiência de intercâmbio dá a estudantes do curso de Pedagogia enquanto espaços de extensão universitária, que ratificam o ideal de universidade pública e gratuita.

Palavras-chave: *Semillero de Investigación*; intercâmbio; experiência; narrativa.

Resumen

El objetivo de esta pesquisa fue investigar, desde la narración de los estudiantes, si la práctica de intercambio académico se puede configurar como una experiencia radical en la formación inicial del profesorado de los estudiantes de educación. Directamente relacionado con el objetivo general, los objetivos específicos fueron entender cómo es la experiencia de estos sujetos de estar en otro idioma y la cultura, la investigación de la historia de los proyectos *Semillero* en América Latina y cómo la formación inicial del profesorado puede ser constituida fuertemente por el intercambio académico. Para el debate teórico, entablamos un diálogo con autores como Benjamin (1986), Bondía (2002), Freire (1996), López de Maturana (2009), Calvo (2013), Rancière (2002) y Reis (2011), que proponen una educación liberadora y la comprensión de los conceptos de cambio, de experiencia y de narrativa. El enfoque cualitativo fue nuestra elección metodológica, a través de entrevistas poco estructuradas de los estudiantes que han participado de intercambios académicos. Como consideraciones finales, nos damos cuenta de que la práctica de intercambio en la universidad se configura como una experiencia radical en la formación inicial del profesorado, y propone el aumento de la sensibilidad también en el trabajo educativo, así como el reconocimiento del otro y de su contexto social y cultural. Se confirmó la transformación del sujeto que vive en otro idioma y la cultura, el espacio de resistencia que establece el *Semillero*, que florece en ámbito educativo tradicional, y en la constitución y el poder que el intercambio académico propone a estudiantes de Educación como espacio de extensión universitaria que ratifique el ideal de la universidad pública y gratuita.

Palabras clave: Semillero de investigación; intercambio académico; experiencia; narrativa.

Apresentação

Esse trabalho se realiza como uma reflexão e contribuição à desejada educação libertadora e como semente do projeto latino-americano *Semillero de Investigación*, somando-se paralelamente às nossas experiências intercambiadas, que despertaram o estímulo a investigar e a propor, criativamente, alternativas de nos educar. Estruturalmente, recuperamos trajetórias e atravessamentos que surgiram neste percurso de educação e de formação em que nos encontramos. Foi uma criação feliz e alegre, e o tempo foi favorável à solidão que o resguardo da escrita pede.

Dividimos o material em três partes, para melhor organização das ideias pertinentes à esta discussão, sendo a primeira a minha narrativa de memória de vida, a segunda parte a monografia em si e a terceira, as perspectivas futuras e profissionais. Espero que este trabalho sensibilize quem o ler, pois não teria outra serventia se não esta. E à educação, que frutos sinceros floresçam a partir de minha constituição como *semilla*.

Sumário

Parte 1

Memórias -----	9
----------------	---

Parte 2

1 Introdução -----	13
2 Fundamentação Teórica-----	15
2.1 A história do <i>Semillero de Investigación</i> -----	19
2.2 “Semeaduras” conceituais -----	22
2.2.1 Intercâmbio -----	23
2.2.2 Experiência -----	24
2.2.3 Narrativa -----	27
3 Metodologia-----	30
3.1 Descrição Metodológica -----	31
3.2 Narrativas Estudantis -----	32
4 Resultados -----	46
5 Considerações Finais -----	55

Parte 3

Perspectivas futuras e profissionais -----	58
Referências -----	59
Apêndices -----	62

Parte 1

Memórias

Minha história começa muito além do que a minha memória alcança. Para esta parte do trabalho final de graduação, compartilho o que de mais latente tenho no momento sobre as experiências que vivi até agora. Finalizo um ciclo de *nível superior* e sou grata pelas esquinas que cruzei e pelas muitas pessoas que encontrei, cada uma delas preenche alegremente meu ser que se exprime como sou. Rememoro principalmente minha narrativa educativa escolar e os atravessamentos que me foram sentidos.

Eu ingressei na universidade no ano de 2011 e desde pequena sabia que quando crescesse queria ser professora. Mas minhas experiências escolares me fizeram saber como na realidade não queria ser, por todos os traumas, opressões e tristezas que vivi nestes ambientes. Não que eu saiba como quero ser, deixo o universo me levar, plantando flores no caminho e espalhando alegria, como contribuição no mundo e sendo sintoma de amor nos meios por onde ando. Após um ano e meio na graduação, me peguei desesperada: era a mesma atmosfera triste, uma educação que teorizavam o presente libertador que eu desejava sentir. Eu sabia que estava na escola que eles diziam que um dia estaríamos, pois ia todos os dias de material e lanche na mochila, e me sentava numa sala de aula com cadeiras enfileiradas, com uma lousa, professoras e professores, mas eles me diziam que eu ainda iria estar na escola, e que teria que fazer de lá um lugar criativo e livre. Ensinavam em mim o alheamento da minha própria vida, pois eu só era mais uma aluna que tinha que apreender todas as teorias que eles me jogavam. Afinal, eles eram mestres e doutores, e certamente sabiam mais do que eu. Eu não tinha o que falar porque eu nada sabia — segundo eles. Eu não podia continuar ali. Eu desisti, não queria estar num curso como se fosse a única importância do mundo; eu sei que o mais importante é a participação na transformação da realidade coletiva e eu queria ser importante naquele ambiente também.

De repente, em minha direção, uma luz brilhou. Eram os olhos da professora Rosângela Corrêa, que exprimiam amor: era essa educação que eu queria sentir. O universo favoreceu nossa relação e juntas realizamos ações no e com o Cerrado e com crianças, o que me transformou — esta experiência e conversas que tínhamos, que dão suporte ao que hoje busco. Eu nunca mais me esqueci daquele brilho... Na luz me mantive na medida do possível,

cruzei com outras luzes ao longo deste período, e também com trevas. A UnB me permitiu experiências eternas e ainda me auxilia financeiramente na permanência na graduação, e me oferece café da manhã, e também almoço e janta a custo zero no Restaurante Universitário; é um espaço de muitos encontros e reencontros, e nesse solo eu conheci especialmente duas pessoas que são seres para toda a vida: um grande amigo irmão, parceiro de viagens, sorrisos e desconstruções das certezas que achávamos que existiam, e um caloroso e forte amor-paixão, que me despertou vida e cuidado a dois. As experiências que tive aqui não cabem nas tintas dos homens, graças a Deus.

Finalizo hoje meus inesquecíveis cinco anos de graduação. E minhas experiências com a extensão na universidade começaram logo no primeiro ano de curso, com o Projeto Rondon. Foi incrível conhecer várias pessoas de outros cursos e levar nossas diferentes ciências ao mesmo campo. Quem era das licenciaturas dava aulas nas escolas e nas cidades que nós conhecemos; o pessoal da Saúde ensinava prevenções e cuidados com o corpo; e assim, cada um contribuía com o que podia para a qualidade de vida daquelas pessoas. Fiquei no grupo por certo tempo, fiz ótimas amizades, aprendi muitas coisas com o querido Antônio Carlos dos Anjos, com o Tomé, a Jéssica, o Breno, Pedro... fui estudante da matéria um semestre e monitora no outro. Espalhamos muito amor nos lugares em que nós fomos, sou agradecida pelo contato, estive na última turma de caráter libertador do projeto, porque com a nova gestão universitária, tudo mudou aqui. Com a pesquisa, concluo agora meu primeiro artigo, que é a síntese desse trabalho final de monografia, para o ProIC da UnB. Em meus projetos 3 e 4, eu vivi momentos agradabilíssimos; na fase 1 e fase 2 do Projeto 3, fui à EC 2 da Estrutural conhecer e apresentar o ABCerrado às crianças, foi muito legal aproximar alfabetização, natureza e música; conheci a capoeira e o mestre Pau Pereira, que criou a proposta, e percebi que era algo sempre preenchido com e por arte. No Projeto 4 eu conheci a emancipação e autossuficiência no projeto Autonomia, tínhamos conversas que causavam profundas reflexões conheci várias escolas que buscavam libertar-se das garras do ensino tradicional.

A escola como hoje concebida não me é um lugar nada agradável, todas aquelas grades e muros cinzas, o sinal que toca delimitando horários e a claustrofobia coletiva que encurrala a nós e às crianças me perturbavam, a velha atmosfera triste, até as mais coloridas me causam terror. Retornar às escolas me fortaleceu de argumentos para não mais voltar. Ela é uma instituição instrumento de opressão, desigualdade e hierarquias, é uma pena que

fizeram da escola um lugar obrigatório, planejada nos mínimos detalhes sua maldade e a penetração na sociedade. Dentro do Autonomia, realizei meus projetos sob orientação da professora Fátima Vidal, que me fez conhecer o *Semillero* e me apaixonar por ele. Começamos esta extensão aqui na FE e foi e é a parte mais agradável de estar aqui, onde aprendo a conviver com outros diferentes de mim que, conectados, seguimos nossos interesses comuns. Desta extensão sai como braço o projeto de PIBIC, além de leituras propositalmente transformadoras, pela sensibilidade dos e das professoras latino-americanas que o compõem. Pelo *Semillero*, atentei-me para o meu sangue latino e para a luta maior que tenho, de território, de cultura, que continentalmente nos liga, banhado pelo Atlântico e pelo Pacífico. Mais uma peça no quebra-cabeças da vida que se fixa como bem-estar. Bons encontros que a vida favoreceu.

Meu Ensino Médio foi a fase mais conturbada da minha vida, estudei em duas escolas diferentes e o concluí em quatro anos; além dos momentos que matava aula para estar com meus colegas aprendendo e trocando ideias extraescolares, conto nos dedos boas lembranças que ficaram e que me transformaram conscientemente. No CE Gisno eu estudei o terceiro ano e a metade do segundo ano (eu só fui estudar lá porque, em junho de 2009, minha mãe descobriu que eu tinha reprovado de ano e repetia a série, se ela tivesse sabido antes, eu não estaria aqui para contar história), de lá me lembro com carinho de alguns professores e de uma professora que tive, eram amáveis, nos olhavam como éramos: adolescentes em desenvolvimento. A professora Gláucia foi a que mais acreditou em nós, ela nos ensinava Química como se fosse nossa amiga, e organizou conosco a nossa formatura, a partir de brechós, almoços no domingo na escola e rifas, sem isso eu não teria tido tal experiência; o professor JJ nos contava histórias em sua aula de História, e posicionou-nos como seres críticos presentes e não passivos no seu desenrolar; o Pai Carlos, na Filosofia da vida, embaixo das árvores, com o violão no colo e um sorriso no rosto. Lá eu conheci queridas pessoas que levo até hoje comigo, parceiros de bagunças e brincadeiras. No CEM 2 do Gama eu frequentei o primeiro ano, o primeiro segundo ano e a primeira metade do segundo ano, e me lembro pouco das aulas, não consigo citar nomes.

Em meu primeiro dia de aula no Ensino Fundamental, eu caí na lama e sujei todo meu macacão, o meu irmão estava do meu lado, me limpou numa torneira e seguimos. No mais, eu só me lembro que estudei em várias escolas, no CEF 8, CEF 1, CEF 9, EC 9, todos no

Gama. Eu já caminhei muito para ir para a escola, já morei muito longe, sei que tinha sempre companhias e que andávamos cantando por aí.

Quando eu nasci, a minha família morava no entorno do Distrito Federal, é uma periferia em Goiás que fica perto da linha do quadrado que os divide (DF-GO), e nem um dos dois governos dedica cuidados à região, que se desenvolve marginalmente. Eu tenho dois pais, os dois irmãos da minha mãe, filhos da minha avó. Sempre fui muito amada por todos eles, e pelos meus irmãos, a Raia e o Raul, mais velhos que eu, hoje com 29 e 27 anos, meus amigos e exemplos. Eu andava nas costas do meu pai mais novo pela quebrada e era a rainha, eu era a filha linda do pai bonito. Financeiramente éramos pobres, vivíamos a minha avó, minha mãe, meu pai, minha irmã, meu irmão e eu, mas o que tenho em mim é a lembrança da fogueira no quintal da casa e dos joelhos ralados e das coletas de frutas nos pés de manga, de goiaba, amora e das primas e amigos da rua. A minha irmã lia para mim e meu irmão me colocava para dormir. A minha mãe conta que um dia me pegou rindo com um gibi da turma da Mônica no colo e que quando me perguntou sobre o quê que eu ria, eu li para ela uma parte da história. Ela se aproximou e era mesmo o que estava escrito, eu tinha 3 anos e ainda não tinha ido para a alfabetização. Anos depois, quando fui para a educação Infantil, me adiantaram porque eu “atrapalhava” aula porque “já sabia”. Eu adorava estar com outras pessoas, era a parte boa da escola.

Ao rememorar minha história escolar e compartilhá-la, sinto e percebo que a sua maior participação em minha vida era encontrar minhas amigas e meus colegas e me marcar com o que trocávamos entre nós, crianças que eram como eram. Eu realmente fico feliz por isso e, agora mais do que nunca, desejo ser uma educadora maior do que imaginei, e eu acredito que é possível, e sigo. Era outono quando nasci, o signo solar que regia o universo era áries.

1 Introdução

Este trabalho se deu a partir do enraizamento do projeto *Semillero de Investigación* da Colômbia (1996) e do Chile (2006) no Brasil (2015) como impulsos sentidos e enraizados também aqui, transformado em Projeto de Extensão na Universidade de Brasília, com interesse de provocar e aproximar experiências radicais de intercâmbio dentro do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação (FE), além do estudo de temáticas reflexivas visando uma formação crítica e criativa a quem pretende educar. Aqui se chama Semeadores de Pesquisa. O objetivo desta pesquisa foi averiguar, a partir de narrativas estudantis, se a prática do intercâmbio pode se configurar como experiência radical na formação docente inicial para estudantes de Pedagogia. Diretamente ligados ao objetivo geral, também tivemos como objetivos específicos compreender como se dá a experiência de ser outro na língua e na cultura, pesquisar a história dos projetos *Semillero* na América Latina e como a formação docente inicial pode se constituir e se potencializar a partir do intercâmbio. Aparecendo ao longo dos tópicos de fundamentação teórica as palavras-chaves do trabalho em uma relação dialógica uma com as outras nas análises das diferentes narrativas pensando o trabalho educador, e se configuram no caminhar deste processo acadêmico sensível como contribuição para uma educação humana e para a paz, substanciadas as noções sinérgicas na construção e no compartilhamento de políticas e saberes coletivos.

Como impulso, lançamos contribuições dentro deste colapso social contemporâneo, ligado às crises e às contradições humanas, buscando libertação e reencantamento nos modos de viver e de sentir a educação. Estamos voltadas às transformações dos indivíduos, e destes para com o mundo, como ações alternativas para educar-nos. Presentemente, o projeto Semeadores de Pesquisa (*Semillero*) vem para discutir e transcender essas novas sensações, resgatando a construção de sentidos e a participação ativa do desenrolar da vida e se mostra espaço de discussão do ato de educar, tanto nas provocações das temáticas e leituras

sugeridas quanto na maneira de nos relacionarmos uns com os outros, ocupando espaços de resistências. Desejamos uma íntima relação entre o que somos com o que fazemos e com o que falamos, pois sentimos a necessidade de aproximar de modo útil as experiências que cada sujeito traz consigo, as nossas próprias e principalmente de quem vamos *educar*, como educadoras, num movimento holístico.

Com Lins (2009) aprendemos a dialogar *com* alegria, não *sobre* a alegria, pois não queremos manter distância, que é algo que a também a ciência insiste em fazer existir. E assim nos posicionamos. Alegria já foi entendida, na filosofia antiga, como loucura, delírio, como a proximidade com o divino, como a força que pulsa, transforma e incentiva os sujeitos que — nos contatos com o mundo — explode a própria alegria. Junto à loucura, o mergulho na alegria teria consequências para esse sujeito, alegremente, pois transforma-o, e que se faz sentir nas experiências. Ocupar os nossos espaços com alegria é encontrar a felicidade. O autor fala do **sabor alegria**, ao perceber que não precisamos *reproduzir* as relações, nós vamos *produzi-la*.

Ao capitalizar a ideia de morte e de finitude da espécie, nos enfraquecemos e pensamos sobre como deveríamos pensar, ditado por *eles*; e, para *eles*, os “inteligentes” são os que refletem sobre isto: a imagem é uma ideia de como temos que ser, e dessa maneira, temos preguiça de correr atrás de nossa felicidade, porque como o invento da informação, tudo já vem pronto, sem reflexão (intensificada pela globalização).

A alegria como bem e como direito, como produção de vida, revolucionários: só a alegria e o desejo são suficientemente fortes para realizar transformações, e o pensamento é instrumento, é criação (só a mudança e a transformação são permanentes). A alegria é potência. No encontro, me contamina de alegria e levo arte à minha própria vida, eu amo, nós experimentamos por amor. A alegria é exigência, é uma conquista, supõe um bem-querer.

Com Reis T. (2011), resgatar na brevidade da vida a significação e a orientação na felicidade coletiva é, enquanto educadoras, lutar junto de nossos estudantes, filhos, parceiros, para crença nos sonhos e na transformação dos sonhos em realidade. É sermos guerreiras de paz, e neste percurso, agregar conhecimentos à nossa busca se faz essencial pela necessidade de desconstruir/ historicizar as velhas respostas para construir novas perguntas, tendo nós a transdisciplinaridade ao nosso lado, pois tudo que foi categorizado e separado pela ciência parte primeiramente da vida humana, por exemplo: em nossas relações afetivas físicas, nos somamos às pessoas que amamos, e nos subtraímos às que morrem, assim passamos a

conhecer a Matemática. Carregamos na essência “o desejo de ser melhor e fazer o outro melhor. (...) todos sabem ser importante buscar a justiça, a honestidade, a gentileza e todas as outras virtudes, mas às vezes, a coisa fica apenas na informação. É preciso despertar as pessoas para isso” (REIS T., 2011, p. 21). Por isso, educação. É preciso acreditar na mudança.

(...) não nascemos seres virtuosos. Justiça, prudência, tolerância, humor, generosidade, amor, fidelidade e todas as outras virtudes humanas não “brotam” como mágica. Nós, pais e educadores [e mães e educadoras], somos responsáveis por essa formação, e a virtude evidentemente se atinge com o hábito. É preciso dedicação, persistência e, é claro, dar o exemplo. Não há como educar (...) na incoerência. (REIS, T. 2011, p. 38)

Com estas justificativas, nos propomos a discorrer sobre experiência, narrativas e intercâmbio, que são os conceitos norteadores deste trabalho, no intuito de propor alternativas na universidade para vivências e transformações que rompam com o pré-estabelecido socialmente e incorporem a alegria coletiva.

2.2 Fundamentação Teórica

“É preciso aprender. Todos os homens [e mulheres] têm em comum essa capacidade de experimentar o prazer e a pena. Mas essa similitude não é, para cada um, senão uma virtualidade a ser verificada. E ela só pode sê-lo através do longo caminho do dissemelhante”. (RANCIÈRE, 2002, p. 100)

Ao longo de nossa evolução como espécie, a fala foi considerada um dos avanços mais significativos, pois nos permitiu interagir com os outros, compartilhando verbalmente o que pensamos e sentimos, traduzindo nossa própria história, narrando-a. Presentemente em formação no curso de Pedagogia, desejamos intensificar nossas reflexões e buscamos experiências atraentes radicalmente alegres como potência para existir e viver em comunhão com a nossa espécie. Retomamos o conceito de Rancière (2002) de *experiência como sentido da educação*, aproximando a esperança de nós como sujeitos com marcas de amor, de poder e de saber, sujeitos amorosos, sujeitos políticos e sujeitos sábios, como Reis (2011) nos inspira.

A linguagem — falada, escrita ou lida — é um modo de descrever uma experiência vivida, que pode ser arquivada, congelada e reencontrada depois; experiências estas gravadas primeiramente na alma e posteriormente revelada; é um modo de transmitir cultura (ILLICH, 1990). A fala, dessa maneira, é ponte de ligação entre nossos conhecimentos e as nossas

experiências, Benjamin (1986) sugeriu que ela deve ser tecida enquanto ouvida, pois leva a emaranhados de caminhos dentro do pensamento e do coração, e é preenchida por implícitos e explícitos conhecimentos, sendo compreendido aqui como este nosso território educativo livre (Calvo, 2013).

Enquanto espécie evolutiva, nós, seres humanos, intercambiamos linguagens, saberes, sentimentos, costumes, instrumentos, dialetos e outros ofícios para viver em comunidade, perpassando culturas, que se mantêm orgânicas. Tamião (2010) se refere ao primitivo do intercâmbio do tempo nômade onde nossos ancestrais estavam sempre de mudança e aprendendo com o que cada espaço ensinava, experiências essas que puderam ser compartilhadas por meio das narrativas orais tecidas de geração a geração.

Inquietas e provocativas, compreendemos a experiência da profunda maneira que Benjamin fez sentir, sem poder permitir sua extinção por conta das consequências da vida moderna social; é pelo resgate e resistência que nos dedicamos a este trabalho, para juntas nos livrarmos cada vez mais das amarras do opressivo mundo que muito nos mata a cada dia, e irmos ver com os nossos próprios olhos as múltiplas possibilidades de ser de cada coisa.

Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano. (...) O círculo da impotência está sempre dado, ele é a própria marcha do mundo social. (...) Para emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais. (RANCIÈRE, 2002, p. 57)

Desejamos nos emancipar como pessoas e aprender com Reis a nos constituir seres de amor: acolher e ser acolhidas, aprender o poder de decidir com e no interesse individual e coletivo e criar conhecimentos, transformando a nós mesmas e sendo transformadas no contato com os outros (REIS, 2011, p. 9) e com as experiências. Experiência aqui concebida também como o antropólogo Turner (2005, p. 165) esclareceu como os “...efeitos de estranhamento em relação ao familiar. A partir de deslocamentos do lugar olhado das coisas, conhecimento é produzido e adquire densidade”. Temos como concepção as experiências como parte formadora de identidade e de cultura.

Queremos ver e compreender o universo e atingir experiências de formação integral como aprendizes do mundo, desenvolvendo nossa inteligência. Espinosa aproxima os conceitos de aprendizado e alegria, como causas e consequências. Apresenta o conhecimento a partir do efeito ou da ação de um corpo sobre o meu corpo, acreditando que há mistura no

encontro entre corpos; o afeto. Os fatos e afetos agem na intensidade de nossa potência em agir. O efeito da alegria nos impulsiona a fazer, a ver. Deleuze diz que esse afeto alegre é como um trampolim, nos convida a formar noções comuns que podem falhar, mas que podem nos fazer felizes e ainda mais inteligentes (CARDOSO, 2008).

Dalmolin *et al* (2012) contribui ao estimular e intensificar a noção do intercâmbio no momento da graduação com sentido amplo — ao que se refere à experiência de viver em outro país — e que, ao conhecer maneiras diferentes e específicas de outras culturas, nos ensina a viver com o diferente, abre novas perspectivas às que possuímos e auxilia em dificuldades cotidianas tanto locais como mundiais, logo que a pessoa que se permite conhecer outro país lida com novas e impensadas questões. Durante o curso de Pedagogia, conhecer outra cultura, outro sistema político, outra organização social, conviver com o desconhecido, aprimorar e/ ou conhecer variantes linguísticas pode nos colocar em exercício a problematizar o encontro com o outro, onde nos educamos aprendendo e ensinando a todo momento, e nos reconhecemos assim como inacabadas, com Freire (1996), que nos permite um olhar sensível e vivências intensificadas. O intercâmbio expande de maneira radical para os professores e as professoras em formação o desenvolvimento de suas competências para interações com as coisas no mundo em construção (SILVA, 2012) num dinâmico processo articulador; interligações úteis ao debate a quem pretende educar.

Nesta visão de vida formadora, cientes da “inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura” evocamos Freire (1996) e suas inspirações, onde declara também a necessidade ética dentro das experiências humanas. Não a ética banalizada, cobrada por um Estado que aprisiona a nossa liberdade de viver e ser, mas perpetuado por um pensamento universal:

(...) respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente. (...) Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. (FREIRE, 1996, p. 18)

Buscando propor e exercitar a amorização com todo universo (REIS, 2011), dialogamos com Gallón (2009), López de Maturana (2009) e Calvo (2013) por serem seres que fazem parte do projeto *Semillero* do Chile e da Colômbia e compartilham conosco assuntos atraentes e reflexivos e nos apresentam a educação em uma singular face, como um processo construído e significativo a cada instante. Com López de Maturana (2009), tecemos a relação dos temas centrais abordados aqui com o curso de formação de educadoras aparadas

pela autora que descreve por doces palavras como sermos *bons profesores* com a ideia de que uma boa pessoa educadora se conhece e utiliza seus fazeres de maneira criadora e criativa; tendo nós a crença na experiência, na narrativa e no intercâmbio como ferramentas de proximidade com esse autoconhecimento. As boas educadoras são pessoas artísticas, que aprendem com as histórias da vida, não só as escritas, aquelas contadas por nossas avós também. Buscamos ser boa professora, que vai além do comum, que ensina a motivação para aprender, tendo que ter em nós mesmas, este entusiasmo, aproximando a teoria da prática. As melhores educadoras são as que se atentam às suas próprias contradições e transforma-as, que buscam uma ação sinérgica (que significa cooperação, trabalho ou esforço para realizar determinada tarefa. É o momento em que o todo é maior que a soma das partes) cientes de que para resultados satisfatórios, a compartilhada com os outros é necessária, porque apenas os outros podem potencializá-la. Reflexões estas intensamente coletivas e dinâmicas. “A prática se constitui por uma infinidade de relações entre os sujeitos onde cada um possui um significado particular, que é integrado sinergicamente pelo padrão que lhes dá sentido” (López de Maturana, 2009, p. 43). Bons professores ensinam a desejar e a desfrutar do que é aprendido, têm capacidade de amar, possuem humor, clareza política e coerência, utilizam das dificuldades e dos obstáculos para intensificar trocas de conhecimentos. “*Por definición, la pedagogía siempre tiene que ver con la capacidad de distinguir entre lo que es bueno y lo que no es bueno para los niños.*” (VAN MANEN, 1998 apud LÓPEZ DE MATURANA, 2009, p. 47). Bons professores são sensíveis, “emocionais ou passionais que conectam e sentem (...) com prazer criatividade, *cambio* e alegria”; devem participar do processo de relação entre diferenças que se desenvolve entre pares, dando sentido à unidade e não à uniformidade. As experiências levam uma pessoa a ser uma boa professora ou uma má professora, a participação social penetra na conduta docente, pelo modo como crescem, aprendem e se relacionam (*ibidem*). Por isso o interesse de aventura-nos, permitir-nos (LÓPEZ DE MATURANA, 2009).

Calvo (2013) nos fala sobre o educador para o novo mundo, sendo este novo mundo o agora, o tempo presente, onde devemos recuperar nossa relação educativa, buscando o equilíbrio entre diferentes, “respeitando e provocando o direito ao equívoco”. Nos deseja inocência, como sentimento de se surpreender diante o mistério, e a cooperar com outros sujeitos, aceitando-os em suas especificidades (diferente de ingenuidade, que é achar que as pessoas e o mundo são como se pensa ser). educação, através deste autor, é um processo de

criação de encontros: causalidade, sincronicidade, simultaneidade, contradições, confusões, angústias, alegrias e tensões.

El educador para el nuevo mundo no puede diferir sustantivamente del educador del mundo presente y del antiguo. En cambio, el profesor debe cambiar radicalmente. No puede seguir siendo igual al profesor actual, que hay extraviado su camino por causa de la rutina y repetición de contenidos ajenos (...). (CALVO, 2013, p. 55)

Estes autores, os percebemos conectados pelo movimento latino-americano do projeto *Semillero de Investigación* que vem para nós como estímulo e espaço de resistência no espaço universitário, pois nos permite sonhar e agir com a vontade, além de fomentar a realização de práticas de intercâmbio na graduação, em busca de transformações; aproximamos aqui sua história que se expande em território e almas.

2.1 A história do *Semillero de Investigación*

“(...) son espacios académicos de intercambio, de experiencias, de conocimiento, donde estudiantes inquietos y organizados recuperan el papel fundamental de la Universidad”. (MONTROYA-LOPERA, 2005, p. 21)

O *Semillero* se enraíza como experiência extracurricular na Universidade de Antioquia, na Colômbia, em 1996: é proposta uma formação de *desarrollo* para diferentes áreas do conhecimento acadêmico, com objetivo de expandir a qualidade do Ensino Superior e aprender. Cresce como um espaço de trocas de conhecimentos, nutrindo o crescimento pessoal de quem o incorpora, e “ensinando a olhar o mundo com outros olhos, a ser mais tolerantes e mais íntegros” (GARCÍA, 2010, p. 52).

A referência à natureza do *Semillero* se conceitua pelo simbolismo que faz em semear, com a ideia dos conhecimentos trocados na esperança de que deem frutos, sendo necessário o grupo ser/ ter cuidado para que suas raízes se fortaleçam na terra, que alimente e dê sombra, é esse o desejo do encontro. A pretensão é de que o que germina em nós nas experiências no *Semillero*, floresça em nossos outros espaços de vivências, onde nestas trocas conectadas reconhecemos que temos muito para contar e a aprender. É uma parte vital nas universidades onde existem; são contribuições em florescências do desenvolvimento pessoal e do trabalho coletivo, desta maneira, saberes dialogam e intercambiam-se experiências vividas e compartilhadas. Ao escrever e compartilhar a história do *Semillero de Investigación*, ela se eterniza (GARCÍA, 2010 apud GALLÓN, 2010).

Investigação vem como sinônimo de pergunta, que parte do ser que pensa sua cultura, suas relações com o meio, sua vida, e que é potencializado pelo deslumbramento no olhar e pela curiosidade ao mundo, ao outro e em si, aproximando a palavra do movimento prático, que sai do pessoal, do meu próprio desejo, para o compartilhamento com o coletivo, da sensibilidade para a autonomia, sendo a investigação característica da espécie humana (LONDOÑO apud GALLÓN, 2010).

A Pedagogia que dá força ao *Semillero* é, dentro dos estudos multiculturais, uma semente de resistência à tradicional educação e à primazia que os currículos tendem a ter e a manter-se distantes das realidades dos diversos sujeitos encontrados nestes espaços. Paulo Freire é o grande adubo nesta terra latino-americana, pois espalhou principalmente por este continente sua almejada ideia de libertação; por ele todos os frutos colhidos e as sementes que germinam hoje e amanhã, nesta compreensão de nossa cotidiana vida em explosão necessária como impulso de transformá-la, e pela esperança banhada no diálogo, que nos empodera e nos permite a utopia, a acreditar no “impossível”. O *Semillero* se apresenta como espaço para sonhar, e um espaço de transformação de nós mesmas; é um espaço para o afeto, e espaço para transformar nossos sonhos em concretude. Se transforma como estratégia de reflexões e discussões, de cooperação e de compartilhamento de experiências que contribuem para a cultura crítica e estudo de temas de interesse educativo, que busca discutir e gerar abertura no debate em educação na formulação de novas perguntas, e sugestão de novas ações.

O *Semillero* é espaço que possibilita o desabrochar da libertação, por meio de suas palavras e feitos, paralelamente, e pelo reconhecimento do outro e de nós mesmas (LANDER, 2000 apud GALLÓN, 2010). O tempo de germinação das *semillas*, presente nos encontros do *Semillero*, se mostra tempo de viver integralmente a educação, neste período acadêmico onde nos encontramos, despertando interesses de encontros e de compartilhamentos, e, conseqüentemente, transformando-nos, fortalecendo nossas raízes. Na Colômbia, o *Semillero* brota em diferentes universidades, públicas e privadas, se configurando como fomento aos talentos de estudantes que se propõem, através de pesquisas, a descobrir estratégias próprias de desenvolver seus interesses.

Doze sementes se encontram em solo chileno e germinam sob a luz da mestra Sílvia López de Maturana na Universidad de La Serena, iniciando o *Semillero de Investigación* com a perspectiva da educação Infantil, no ano de 2006. Se dá a partir da experiência colombiana

construído com interesses próprios. O grupo se diversifica à medida que floresce e novas pessoas se somam. Buscam aproximação entre pessoas interessadas em contribuir no debate em educação de modo ativo, criativo e significativo como complemento à formação docente das *semillas*. É fértil nas descobertas e no fomento de potencialidades, de pensamento crítico, de curiosidade de saber e no desejo de discutir. Se acredita que nos educamos além das salas de aula, onde percebemos isto na fala das estudantes do curso de formação de professoras participantes do *Semillero* chileno, que tem a intencionalidade e o estímulo como propósitos.

O jardim se expande recebendo *semillas* de outras Pedagogias, e apoiado por demais professores e professoras que se interessam pelo projeto, diversificando os olhares e as ideias sobre educação. Os encontros acontecem semanalmente, construído com responsabilidade compartilhada, projetos criativos e ações reflexivas. Nessa sensibilidade de criação, a autogestão surge como liberdade de decisões e de organização, tanto nas temáticas estudadas como nas atividades financeiras para realização de intercâmbios.

As e os mestres que se assumem integrantes do processo educativos de seus estudantes acreditam que o desenvolvimento e as potencialidades destes promovem o “bom professor” nestes/nestas educadores/educadoras em formação (LÓPEZ DE MATURANA, 2010). O *Semillero* vem nesta perspectiva, e as *semillas*, ao longo deste tempo, organizaram e colaboraram em seminários nacionais e internacionais, como também realizam leituras e análises de textos, criação de revista científica, trabalhos comunitários, recepção de intercambistas estrangeiros, projetos de investigação e realização de intercâmbios internacionais.

Segundo o último levantamento de integrantes, o grupo *Semillero* da Universidad de La Serena é composto por: Fernando Portilla (coordenador estudantil), Camila Santander (secretária executiva), Camila Segura, Carolina Rodríguez, Loreto Flores, María de los Ángeles Olivares, María Jesús Juica, Gabriela Villalobos, Macarena Contador, Cristián Aranda e Francisca Monardes.

No Brasil, como semente do movimento latino-americano, encantadas com esta perspectiva de empoderamento, criticidade e reflexão na formação de educadoras, se fortalece no ano de 2015 o Semeadores de Pesquisa, na FE/UnB, sob orientação da professora Fátima Vidal, que o transformou em Programa de Extensão junto ao decanato de extensão (DEX/UnB) e em Programa de Iniciação Científica (ProIC), atingindo imensidão inicialmente com dez estudantes de Pedagogia (sendo a estudante autora deste trabalho

coordenadora do projeto nesse seu primeiro ano de germinação). O projeto tomou envergadura no âmbito das inquietações existentes entre nós e a insatisfação com a educação tradicional, trazendo à nós inspirações para fomentar uma educação transformadora com experiências radicais em nós e para com o mundo em que vivemos. O estímulo que o *Semillero* desperta em suas integrantes se demonstra nos encontros marcados semanalmente, nas ações para gerir nossos intercâmbios e nas transformações que o contato das *semillas* com os estudos de autores e autoras que contribuem para uma educação libertadora nos causam, temáticas essas como anarquismo, narrativas, território de educação livre, autonomia, intercâmbio, entre outros, atravessadas pelos anseios e sentimentos juvenis no contato com os/as outros/as.

Em nosso calendário, temos como combinado a realização de dois encontros por mês, com leituras e discussões de textos, e outros dois com encontros de organização administrativa do projeto, como preparação de recepção de estudantes e professores e professoras e propostas de levantamento financeiro para realização de intercâmbios. Como práticas mais significativas, temos o intercâmbio de duas *semillas* nossas à Universidade de La Serena no primeiro semestre do projeto, fizemos o plantio de uma pitangueira na Faculdade de Educação, recebemos a mestra Yanola Gonzalez, o estudante Cristóbal Gonzalez e a estudante Camila Santander, de universidades no Chile, e recebemos o professor Carlos Calvo Muñoz nesse semestre (25-29/06/2016), eternizamos os nossos encontros em um caderno de viagem como um *hypomnemata* e registramos com foto presenças disponibilizadas também na página “Narrativas de Intercâmbio”, no Facebook, que se propõe a aproximar experiências de intercâmbio de estudantes e a compartilhar informações estimulantes sobre narrativas, alegria, experiências e outros. Buscamos práticas ainda mais transformadoras, perpetuando o movimento do *Semillero*, que se mostra hoje presente em vários lugares do mundo. Em um ano do Semeadores, construíram nosso projeto a professora Fátima Vidal, Laís Guedes (coordenadora), Fabiana Vicentim, Janaína Tôres, Jônatas Cocentino, Nathália Desidério, Rafaela Abath, Rayssa Oliveira, Paulo César Ferreira, Graziella de Jesus, Sofia Fiore e Bárbara Carvalho.

2.2 “Semeaduras” conceituais

...aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si

mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo. [...] Ficamos pobres. (...) A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco da humanidade... (BENJAMIN, 1986, p. 119)

Na proposição de realizar esta pesquisa, nos libertando e nos emancipando, percebemos nós percebemos essencial a reflexão sobre três conceitos importantes para alcançarmos a intensidade do que propomos, por se tratar de uma das questões mais sérias do mundo: a formação de professoras. Aqui, nós tivemos a intenção de atingir nas relações humanas, trocas intensas e reflexivas, com o intuito de transformar nosso futuro a partir do que temos hoje para o que queremos no amanhã. Para isso, nós percebemos e nos sentimos em processo, dinâmicas, e dessa maneira, cheias de potenciais e desejos de construção, recuperamos e reunimos ideias compartilhadas por seres que narram suas experiências e contribuem para o movimento de resignificação e retomada de utopias (que se tornam reais se acreditadas), e que servem como potência para viver. Discutidas em tópicos que seguem, para melhor compreensão.

2.2.1 Intercâmbio

Abordaremos o intercâmbio em seu caráter transformador como instrumento de diversificação em nossa formação acadêmica e de troca de experiências, possibilitando conhecer novos modos de viver e ser, como maneira de *experienciar* outros saberes. Segundo Dropa *et al* (2012, p. 3) o intercâmbio existe desde quando os primeiros homens e mulheres aventuraram-se em terras distantes e desconhecidas, intercambiando seus desejos, medos, alegrias, angústias, sentimentos estes naturalmente humanos, aproximando à nós as noções das diferenças e das semelhanças entre a espécie (estranhamentos e reconhecimentos).

Segundo Queiroz (2013), “o intercâmbio, especialmente em universidades do exterior, é crucial para qualquer forma ou modalidade de desenvolvimento acadêmico, artístico, científico e filosófico, em qualquer área ou domínio de investigação” (QUEIROZ, 2013 apud LOURENÇO, 2010, p. 1). Intercâmbio como estratégia de vivência alegre e de

enriquecimento cultural em busca de experiências, estímulo à diversidade e ao aprendizado como processo de trocas sócio culturais, no desenvolvimento de novas maestrias de convivências, valorizando costumes e aprendendo com o diferente, com outras culturas, flexibilidade, autoconfiança, divertimento e lazer; desenvolvimento este educativo nesta experiência dinâmica e multicultural em um mundo como território de aprendizagens e fonte de aquisição de conhecimentos. Efetivação que se faz na compreensão de autores sobre a temática e na ação prática do intercâmbio (DROPA *et al*, 2012).

Nesta contribuição à uma realidade diversa, desbravar para manter a disseminação de conhecimentos, onde Cabral *et al* (2011) faz referência à globalização como reflexo do cenário mutável e sem fronteiras que vivemos, em níveis de comunicação, economia e tecnologia como vivências interconectadas. Desta maneira, a universidade pode nos estimular as experiências educativas internacionalizadas, incentivando o intercâmbio do saber, do conhecimento e da inovação entre as nações, o que ocorre unicamente por meio de pessoas e sua condição de mobilidade para a concretização dessa realidade, para cuidado e profundidade nas relações. Como realidade possível, o intercâmbio aqui se apresenta de maneira ativa, incentivada e em crescimento, que é visto como tendência à expansão de projetos, programas, convênios, acordos globais e ações que fomentem esta experiência.

Santos *et al* (2013) apresenta-nos o intercâmbio como experiência de conhecimento tanto do destino de interesse como na convivência estrangeira, atentando-se às oportunidades de envolvimento por meio de trocas de culturas, idiomas e identidades como forma de intensificar a formação de estudantes de graduação. Viajar como ferramenta de educação integral de estudantes, delimitada pelo desejo, como estímulo a enfrentar novas situações e de se relacionar com diferentes olhares como processo de aprendizados.

2.2.2 Experiência

“...viajou pela Rússia, e essas viagens enriqueceram tanto a sua experiência do mundo como seus conhecimentos sobre as condições russas”.
(BENJAMIN, 1986, p. 199)

O resgate é pela valorização do olhar sensível e significativo diante das experiências vividas e compartilhadas, na constituição da responsabilidade de dar sentido, cada indivíduo, ao seu universo. Para viver assim as experiências, é necessário ir ver, permitir-se,

ressignificar esse mundo, correr esse risco. “... etimologia da palavra inglesa ‘experiência’, derivando-a da base indo-europeia **per-*, ‘tentar, aventurar-se, arriscar’” (TURNER, 1982 apud DAWSEY, 2005, p. 163).

Estamos submersos numa pobreza de experiência, e hoje é necessário confessar esta nossa pobreza para transformá-la em riqueza (BENJAMIN, 1986), pois o foco e objetivo da vida no mundo moderno é que cada uma de nós tenha uma função a cumprir, um espaço a ser preenchido e um comportamento esperado, que espera de nós apenas acúmulo de capital (não é a mesma riqueza que falamos), que marginaliza a maior parte do todo e que não pode continuar sendo levado a sério, pois é insustentável, injusto e desigual.

A experiência, a reflexão da experiência, é um movimento dinâmico e infinito enquanto vivo, no sentido biológico de vida (viver e morrer), como Rancière (2002, p. 88) descreveu, “a experiência (...) nos liga ao seu núcleo ausente, nos faz dar voltas em torno de seu centro.”. E neste processo do fazer, e do refazer, reforçamos a noção de inacabadas, não prontas, em processo de feitura, que se faz (FREIRE, 1968).

Essa reflexão, segundo Bondía (2002), só tem sentido numa perspectiva política e crítica, por pessoas comprometidas com a educação e espontaneamente reflexivas, como necessária compreensão neste processo de criação da realidade e na produção de sentidos, sentidos dados a nós mesmas e ao que nos acontece.

A experiência aqui, para maior fixação da ideia, vem acompanhada da problemática apresentada por diversos autores, ao que se refere à sua extinção, da raridade que a experiência está se tornando. A era moderna, apresenta dentro de seus avanços e retrocessos, pontos específicos de distanciamento da significação e da reflexão sobre o que nos acontece. Bondía (2002) em diálogo com Benjamin (1986) nos dá corpo para compreensão destes pontos, que estão totalmente relacionados com o modo de vida que injetaram em nós (por meio dos *podres poderes*), são eles: 1. A sociedade da rápida informação, que não necessita de pensamento crítico (o que torna a experiência impossível); 2. O excesso de opinião (como individuais verdades absolutas sem espaço para a escuta, apenas para a fala); 3. A falta de tempo (e pelos inúmeros acontecimentos que cabem dentro dos minutos, sendo cada um deles pouco ou nada fixado/ aproveitado); e 4. Pelo excesso de trabalho (que passamos a vida estudando ou nos especializamos para ocupar uma vaga no mercado de trabalho): tudo isso é inimigo das experiências, pois não cabem problematizações, reflexões.

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN, 1968, p. 203)

Daí os atravessamentos se fazem ainda mais necessários, pois as contradições e os percursos que compõem essa caminhada se fazem dentro dessa impossibilidade possível. Para *experienciar*, Bondía declara palavras que se formam como ponte nesta compreensão:

A experiência (...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação. Cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Este sujeito que experimenta, que se permite experimentar, que se atenta “ao que se passa”, explana o autor, é um ser em território de passagem, com uma superfície que é marcada pelos atravessamentos que essas experiências influem, é um sujeito onde os acontecimentos têm lugar, que se percebe por sua receptividade, sua abertura; e é importante a compreensão da maneira como este sujeito se expõem dentro dos riscos que cabem dentro de cada experiência. Nos educamos também nas trocas de ideias, nas situações onde imediatamente devemos agir, e a busca é pela consciência desses momentos, do valor educativo das experiências dialogadas, compartilhadas.

(...) Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. (BENJAMIN, 1986, p. 205)

Desejamos estimular a experiência em caráter educativo, e aprender o valor de se educar nas e com as vivências, com os contatos, a desinstitucionalização da educação, que existe e surge em todo momento, em todo lugar. Não há hora, não há espaço e não há

currículo que eduque um ser, é o contato que favorece o saber, é a boa vontade na troca de experiências que o aproxima, ou a má vontade, que o expulsa. Tudo é uma questão de desejo.

2.2.3 Narrativa

“Revivo, na narração, o prazer em rodar...”
(OSTETTO e LEITE, 2010, p. 43)

Ao percebermo-nos trilhando este caminho de procuras e reflexões, nós, como educadoras, estimulamos os pontos de encontros, na constituição de identidades em um universo ampliado. Ostetto e Leite (2010) banham o nosso trabalho com afirmações sobre a arte na formação de professores, e percebemos a sintonia que há entre arte, experiência e educação, nesta atmosfera alegre onde falando de nossas vivências, nos sensibilizamos também à escuta, lapidando os sentidos que nos abrem percepções sutis nesse consciente processo formador. Nesse movimento, os conflitos e aproximações percebidas no diálogo podem contribuir em tomadas de decisões ao longo da vida, sempre uma somando-se e incorporando-se às outras, intensificando as experiências, conquistando novos espaços que engendrem novas práticas (OSTETTO e LEITE, 2010, p. 11). Insistimos nestas compreensões pela esperança de viver num mundo onde o valoroso não seja o capital, e que os contatos não sejam virtuais; buscamos um mundo de arte, que ainda estas autoras nos fizeram perceber a grande falta que impede tudo isso no mundo moderno ocidental (capitalista, machista, racista e sexista): é, pois, triste, sem totalidade. E a arte recupera essa alegria e a totalidade necessárias: “atingir em nós o polo sensibilidade – que abre caminho para o encantamento, o maravilhamento, ingredientes essenciais para a recriação do cotidiano” (OSTETTO e LEITE, 2010)

Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres *condicionados*, mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável. (FREIRE, 1996, p. 21)

Através de narrativas compartilhadas, perceber nossas contradições e nossos medos, nossas ânsias e desejos, é o impulso de transformação das mesmas, conscientemente dinâmicas. E o desejo é o melhor sentimento para viver: estamos vivas! Buscamos nas entrelinhas destas reflexões a recriação de nós mesmas, e para isso, precisamos dos outros, precisamos ouvi-los e falá-los, viver juntos e estar juntos, e a sensibilidade acompanhada dessas ações é o que transforma, rompe a fôrma, redesenha o dia-a-dia (OSTETTO e LEITE, 2010). Para alcançar essa ânsia, abrimos aqui espaços de fala e de escuta, onde contaremos as histórias narradas por estudantes que se viveram experiências transformadoras e radicais. “O adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência” (BENJAMIN, 1985, p. 253)

Esta contribuição se faz necessária pelo desespero que surge ao pensarmos no rumo em que a educação e as relações humanas estão tomando, com a falta dessa totalidade referida, com a falta de nós mesmas, impostas *sutilmente* e favorecidas pelo mundo social e por suas consequências imediatistas. Precisamos fazer desse desespero nosso trampolim de transformação. Benjamin (1986, p. 198) nos fala da privação de uma característica que parecia ser “segura e alienável”: a de intercambiar experiências, e que, pelo andar da carruagem, a perderemos totalmente, enquanto seu valor se mantiver em baixa. E, além da necessidade de experiências, temos também que narrá-las, é o que dá sentido ao ir ver, é falar do que se viu, ensiná-las aos outros, e aprender com o que os outros viram.

Ao narrar uma experiência, me faço presente, me expesso, e me eternizo na história, deixo rastros, mostro como sinto e como penso naquele momento, conheço a mim através das palavras que penso em dizer que, antes de pensar, não tinha consciência de que existiam. “Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito” (BENJAMIN, 1968, p. 11). Me conheço e me descubro no contato com o outro, que também se conhece e passa a me conhecer, partilhamos nossas experiências e deixamos nossas marcas e ficamos marcados pelo outro, despertamos afeto, nos sensibilizamos, nos educamos. “Do *eu* foi-se para o *outro*, ainda da perspectiva da própria experiência e de ver a possibilidade de construir uma identidade criadora... é o outro quem nos constitui sujeitos; é a escuta do outro que dá vida à nossa fala ou canto; assim também foi o olhar alheio que deu sentido... (OSTETTO e LEITE, 2010, p. 15).”

Neste diálogo, neste compartilhamento do vivido, provocamos a reprimida sensibilidade criativa presente em nós; o conhecimento não se constrói apenas com lápis e

papel, mas ganha sentido quando compartilhado com o outro, atingindo a esfera de reflexão. “(...) A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. ‘Quem viaja tem muito a contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe.” (BENJAMIN, 1968, p. 198)

Ao tomarmos a ideia expressa em Oliveira (2000) sobre a alegria de Espinosa, aprendemos que tudo é uma questão de encontro e de afeto, que na medida em que é bom ou ruim influencia a força para existir (*conatus*), a alegria se encaixa na ideia de um sentimento bom ou útil, que aumenta nossa força de viver. Alegria aqui como sinônimo de amor, sendo a sensação que temos quando amamos “o amor é a alegria acompanhada da ideia do ser que a causa” (OLIVEIRA, 2000, p. 51). Sentimentos esses particulares, onde cada pessoa sente de maneira diferente, atingindo um espiral eterno. Ainda neste contexto, na arte destas experiências boas que possam nos emancipar, temos como sentimento a esperança.

A lição emancipadora (...) é a de que cada um de nós é artista, na medida em que adota dois procedimentos: não se contentar em ser homem [e mulher] de um ofício, mas pretender fazer de todo trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo. O [A] artista tem necessidade de igualdade, tanto quanto o explicador tem necessidade de desigualdade. E (...) assim (...) é transpassado pela vontade (...) de relatar e de fazer experimentar aos outros aquilo pelo que se é semelhante a eles. (...) Pode-se assim, sonhar com uma sociedade de emancipados, que seria uma sociedade de artistas. Tal sociedade repudiaria a divisão entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem, entre os que possuem e os que não possuem a propriedade da inteligência. Ela não conheceria senão espíritos ativos: homens [e mulheres] que fazem, que falam do que fazem e transformam, assim, todas as suas obras em meios de assinalar a humanidade que neles há, como nos demais. Tais homens [e mulheres] saberiam que ninguém nasce com mais inteligência do que seu vizinho, que a superioridade que alguém manifesta é somente o fruto de uma aplicação tão encarniçada ao exercício de manejar as palavras quanto a aplicação de outro a manejar instrumentos; que a inferioridade de outrem é a consequência de circunstâncias que não o obrigaram a buscar mais. Em suma, eles saberiam que a perfeição alcançada por um ou outro em sua arte não é mais do que a aplicação particular do poder comum a todo ser razoável, que qualquer um pode experimentar quando se retira para esse espaço íntimo da consciência em que a mentira já não faz mais sentido. Eles saberiam que a dignidade do homem [e da mulher] é independente de sua posição, que “o homem não nasceu para tal ou tal posição particular, mas para ser feliz em si mesmo, independentemente da sorte”, e que esse reflexo de sentimento que brilha nos olhos de uma esposa, de um filho ou de um amigo queridos apresenta para a alma sensível objetos bastante próprios a satisfazê-la. (RANCIÈRE, 2002, p. 104)

É então pela arte que buscamos a espontaneidade e a liberdade de criar e recriar nosso dia a dia, no desejo de transformação e realização dos desejos, juntos, coletivamente, próximos de quem nós gostamos e abertos a conhecer o que e quem ainda não conhecemos, na esperança de ter experiências radicais e sensibilidade de ouvir e de falar, do contato que

marca, das marcas que se traz. É com esperança no futuro presente que refletimos e lançamos estas contribuições.

3 Metodologia

Utilizamos em nossa pesquisa maneiras atraentes de criá-la, pelo entusiasmo e pela novidade dessas ideias relacionadas. Desenvolvemos de modo qualitativo as análises do que propomos, com Oliveira (...) que declarou o ser humano como um ser ativo na interpretação do mundo que vive, cabendo as diferenças humanas e não o desejo de enquadrá-las; neste modo, abrange-se a concepção da vida como atividade dinâmica e coletiva, este método é o “estudo da experiência humana”, que leva em consideração que cada pessoa dá um sentido, contribui para abrir os seus próprios caminhos.

Atentamo-nos às narrativas estudantis e suas interpretações das realidades experienciadas; os sujeitos estavam cientes do caráter científico da pesquisa e da importância de suas contribuições na interação e reflexão que arriscamos. Por meio de diálogos (entrevistas semiestruturadas) tentamos eternizar e compartilhar os latentes e correntes desejos sentidos por quem passou pela experiência do intercâmbio e pretende educar. Fez-se útil um esquema mais livre de fala e escuta sensíveis, pois eram ali trocadas o que cada uma trazia dentro de si, elas me falavam sobre elas, e sobre o mundo para elas. Metodologicamente o foco é, ainda com Moreira, no olhar de quem viveu e sentiu, sendo importante a experiência vivida, analisadas e compreendidas indutivamente (TRIVIÑOS, 1987 apud Oliveira), evocadas no território de nossas provocações e inquietações. Buscamos a sensibilidade de compreender as experiências pelas suas riquezas germinadoras.

Aproximamos ideias pensadas a respeito da educação libertadora que buscamos viver em nós navegando por entre as ondas dos núcleos latinos do *Semillero de Investigación*. Em este caminho metodológico indireto (BENJAMIN, 1986) trilhado até agora, há neste trabalho contribuições de artes filmicas, musicais, de cultura popular e muitas outras experiências refletidas em práticas e pensamentos que formam a base das ideias propostas pelas autoras neste trabalho e que não são possivelmente traduzidas em letras e palavras.

Com o *Semillero*, atingimos satisfatoriamente um ano de investigação, estudo e troca nacional e internacional com professores e estudantes da área da educação, pessoas que buscam uma formação acadêmica mais profunda e reflexiva e permitem-se à experiência de viajar e conhecer outros países, outras culturas, outras línguas, outros seres humanos. Buscamos intercambistas que tenham preferencialmente ido à América Latina, nosso comum solo continental, mas também tivemos o prazer de ter uma pessoa querida que durante a graduação na Pedagogia realizou o intercâmbio para um país europeu e que também compartilha conosco sua narrativa enriquecendo nossa pesquisa.

3.1 Descrição Metodológica

A partir do levantamento bibliográfico, interessava-nos descobrir conhecimentos principalmente os conceitos de experiência, narrativas, intercâmbio e a história do *Semillero de Investigación*, onde relacionamos destes, os pontos mais promissores junto às experiências narradas por estudantes que se aventuraram em um intercâmbio, como educadores.

As entrevistas foram feitas de maneiras diferentes, cada uma com sua disponibilidade; o primeiro diálogo se deu a partir de uma fala do primeiro estudante chileno que visitou o *Semillero* no Brasil, e foi um diálogo aberto à todo o nosso grupo, onde gravamos e traduzimos para o português; a segunda entrevista foi carinhosamente dada pela plataforma do *Facebook*, que segue em anexo como uma linda foto do *post*; a terceira e quarta conversas foram trocadas com as *semillas* do Brasil que foram ao Chile viver a experiência do intercâmbio e conhecer o *Semillero* chileno, uma gravada numa conversa num café, e outra por um relato enviado via e-mail; o quinto diálogo se deu como um presente: tomamos conhecimento de um estudante colombiano que estava validando seu diploma de Pedagogia na UnB e logo entramos em contato, para melhorar, descobrimos ele fez parte do *Semillero* da Colômbia no começo do projeto, a conversa foi gravada, transcrita e traduzida para compartilhamento.

Tentamos reescrevê-las aqui cientes da dificuldade de transmitir por códigos linguísticos os sentimentos e as sensações que foram trocadas nas conversas, e as compartilharemos neste trabalho com carinhosos apelidos para preservar as identidades de quem nos deu as entrevistas. Com os materiais estudados no *Semillero de Investigación* e levantados para produção desta pesquisa, categorizamos as narrativas dos sujeitos-autores no

cotejamento da teoria com os discursos transcritos das entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco estudantes do curso de formação de educadoras que realizaram o intercâmbio onde procuramos dentro de suas narrativas compreender se a prática do intercâmbio pode se configurar como experiência radical no curso de formação de professoras, como se dá a experiência de ser outro na língua e na cultura, a contribuição destes intercambistas na história do *Semillero* e como a formação docente inicial pode se constituir e se potencializar a partir dessa experiência de intercâmbio.

Compartilho as narrativas ordenadas por data de encontro.

3.2 Narrativas Estudantis

3.2.1 Alecrim, estudante de Pedagogia em Música da Universidade de Val Paraíso, Chile – 1º intercambista acolhido no *Semillero* Brasil

- Cris, você pode falar pra gente como está sendo sua experiência de intercâmbio como estudante de Pedagogia?

“Bom, antes de qualquer coisa, quero agradecer infinitamente a Fátima, minha mãe no Brasil. A Jon, um irmão no Brasil, agradeço muito. Bom, falei com Laís no almoço sobre o que significa intercâmbio, na realidade, o intercâmbio acadêmico tem poucas características de acadêmico e mais do conhecimento da cultura de outro lugar, a cidade, o povo, a noite, claro que você também conhece a Universidade, o currículo dos cursos, mas o maior ganho do intercâmbio é a troca de experiências! O fato de eu ter chegado e ter tido contato com um grupo de pessoas muito parecidas comigo foi uma grande vantagem, pois eu pude compartilhar minhas experiências com pessoas com interesses comuns, foi uma coincidência, não sei, mas a graça do intercâmbio é que a gente pode encontrar nossos semelhantes em outro lugar e claro, também conhecer pessoas diferentes. A minha experiência por aqui não se restringiu apenas à universidade, assisti algumas aulas do professor Ricardo, pois, no entanto, eu vim também para conhecer um projeto de extensão da universidade, então tive flexibilidade nos horários e atividades, o que me permitiu conhecer Brasília, desde a UnB ao Paranoá, cidade da periferia de Brasília. Na primeira semana, era tudo novo, na segunda semana já fui entendendo um pouco e agora na terceira semana, ando sozinho no ônibus

tranquilamente, já falo um pouco mais de português do que *portuñol*. Vejo que é um processo, onde a gente desenvolve a capacidade de adaptação de um território que você não conhece, do povo que fala um idioma diferente, enfim, é uma oportunidade tanto de desenvolvimento pessoal como de desenvolvimento global com seus pares e semelhantes. Por sorte, como eu disse, várias coincidências me permitiram conhecer o projeto de Música para Crianças e além disso pude conhecer e vivenciar a cultura brasileira que se vive em Brasília. Eu digo que não vim ao Brasil, mas sim a Brasília que é diferente de outras cidades, mas a graça do intercâmbio é esta: ir sem nenhuma expectativa para que tudo o que vier seja um ganho, no meu caso foi assim, eu só sabia que viria a Brasília, vi algumas fotos do lugar, não fiz nenhuma pesquisa grande porque pensei que chegaria aqui e veria a cidade e o que faria por aqui. O meu conselho para quem vai fazer algum intercâmbio é: vá sem nenhuma expectativa e aberto ao que virá, parece utópico, mas a vida se encarregará das conexões que você fará com as pessoas, vai conhecer grupos de pessoas semelhantes a você. Eu acabei conhecendo pessoas da área de Pedagogia de gerações anteriores e de gerações atuais e foi pura coincidência. Não foi nada planejado. Quando vocês forem ao Chile, vão conhecer pessoas com os mesmos interesses, mas com outra realidade de vida, vão conhecer as semelhanças que há nos diferentes países, há bastante semelhanças. Acho que há mais semelhanças do que diferenças no que se refere à vida universitária, a política universitária, as relações entre os jovens no contexto das saídas noturnas. Quando vocês forem a La Serena não podem deixar de conhecer o Valle do Elqui, que é um lugar muito próximo da cidade, não tem nada de cidade, vocês verão a natureza e conhecerão outra maneira de viver que é muito diferente da maneira de viver em La Serena. Vocês conhecerão outro tipo de gente que vive do artesanato, da arte, de terapias, das estrelas... bom, lá vocês vão conhecer. Meu conselho é este: vá sem expectativas, aberto a tudo e com os olhos e ouvidos bem abertos; não é necessário saber falar espanhol, vocês darão um jeito de serem compreendidos, sempre haverá alguém para ajudar, sempre haverá alguém para te levar às festas ou eventos que claro faz parte do intercâmbio fora da universidade, fora do programa de estudos. As duas partes são importantes no intercâmbio, tanto as experiências vividas dentro da universidade, como as vividas fora dela. Se vocês chegarem a ir ao supermercado sozinhos, vocês conseguirão se virar.

- Como é a experiência de ser outro na língua e na cultura?

Sobre ser estrangeiro, em princípio é tudo muito novo, quando cheguei na casa da Fátima senti um pouco de vergonha, não queria faltar com respeito em nenhum momento e com nada. Mas com o passar do tempo, você vai se soltando e adquirindo confiança. E o fato de ser estrangeiro torna-se um *plus* ao seu favor, você tem assunto para conversar com qualquer pessoa, com assuntos como: Ah, de onde você é? Como é o seu país? Enfim, é uma grande vantagem. No meu caso foram três semanas, foi pouco tempo, mas acho que não ficou nada para trás, fiz tudo o que poderia e queria fazer. Talvez eu vá conhecer as cachoeiras, mas conheci a cidade e com certeza vou voltar, pois em três semanas você pode criar laços e conhecer gente de diferentes lugares. Quero dizer que vou escolher um tempo para viver parte da minha vida aqui com muito prazer. Esta experiência de intercâmbio foi um presente da vida que se deu de uma forma interessante, Fátima foi à minha casa e começamos a conversar sobre um projeto de música, isso foi há 4 meses. Foi uma oportunidade que veio e não pude desperdiçar. Daí passou um tempo e já se aproximava a data e começamos a entrar em contato e conversamos sobre o projeto, enviei os documentos, organizamos os detalhes com a universidade. Mas enfim, tem que fazer intercâmbio, vale muito a pena! Me senti muito bem acolhido em Brasília, não tive nenhum conflito, em nenhum momento me senti isolado, sinto que pude entregar um pouco de mim para aqueles que tive contato por aqui e mais do que isso pude estabelecer conexões para o futuro, para que possam ir ao Chile, essas viagens são para isso, para fazer contatos. Como são viagens curtas é importante fazer os contatos necessários para o futuro, para voltarmos a nos contatar em algum momento ou em algum lugar, e é isso, um resumo para aqueles que vão ao Chile. Sem expectativas, abertos a tudo, olhos e ouvidos abertos, fazer as conexões necessárias para voltar e estar dispostos a receber o que virá, pois tudo será um ganho. Se por um acaso, tiver uma experiência negativa, será uma aprendizagem, esses são os conselhos que eu posso dar. E para os que estiveram comigo nesse tempo por aqui, quero dizer que me senti muito bem acolhido e espero com ansiedade a visita de vocês no Chile para que eu possa retribuir o que fizeram por mim. Quero apresentar-lhes meus amigos e minha cidade, vou mostrar-lhes o Valle. Sobre as atividades acadêmicas propostas, tive todas as manhãs com atividades aqui na universidade e as tardes estava livre porque tudo o que eu fiz durante as tardes e as noites não foi nada planejado. Então, em uma viagem, o que você estiver estabelecido em um horário cumpra, mas tem que deixar um horário para escolher onde vai, seja um aniversário, um café e

caminhar pela cidade. Durante dois ou três dias eu decidi ficar sozinho por Brasília, fui sozinho à Torre, aos museus, assim você pode ter sua própria experiência no seu próprio tempo, sem depender de nada e nem de ninguém, e tranquilamente poderá conhecer o que quiser conhecer. Se te convidam para fazer outras coisas e se respondo sim para tudo, perfeito, mas também preciso separar um pouco do tempo para ter minha própria experiência. Em La Serena vocês vão ver que tudo é praia, provavelmente vão querer caminhar pela praia, e você pode fazer isso a tarde toda com tranquilidade. Vocês vão ao Chile e lá está tremendo muito, com os terremotos. Na semana passada, teve um terremoto de 8.4, durante a semana houve réplicas de 6.6, 6.4. A terra se movimenta muito, mas as construções estão preparadas para isso, os edifícios não caem, se não fosse assim o país estaria todo ao chão. A melhor coisa que você pode fazer durante um terremoto é ficar tranquilo, pense que vai passar, dura um pouco, mas vai passar, não vai cair nada. Se estiver na praia, terá que sair. Mas o conselho é que fiquem tranquilos, só esperar um pouquinho. E isso, deixe um pouco de tempo para fazer o que vocês quiserem fazer. É bom sair para caminhar sozinho e tirar as fotos que quiserem, comer o que quiserem, mas isso vai acontecer quando você estiver mais seguro na cidade, vai saber se virar sozinho. Minha experiência foi ótima, ótima, ótima. Acho que não me faltou nada por aqui, fiz tudo o que queria. O que tenho que fazer agora é o que me espera na universidade lá no Chile. Enfim, La Serena é uma cidade muito linda, muito tranquila, acolhedora, é pequenininha então vai ser fácil movimentar-se por lá. Os ônibus são mais velhos, lá tem os ônibus que chamamos de “micro” e temos o “coletivo” que é um carro com uma determinada rota, é como se fosse um táxi coletivo, esse é interessante porque você vai conhecendo as pessoas e é muito seguro e mais barato. Tem táxi, mas é mais caro. Você pode conhecer amigos com carro que podem levar você, isso não vai ser problema. Na primeira semana será tudo novo, na segunda semana tudo será mais familiar e logo vocês vão se virar sozinhos. Muito obrigado, *semilleros*”.

3.2.1 Beija-Flor, estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília, Brasil – Intercambista acolhida na Universidade do Porto, Portugal

- Querida, você pode compartilhar em nossa página no *facebook* como foi a sua experiência de intercâmbio como estudante de Pedagogia e como esta experiência constitui e potencializa sua graduação?

“Olá gente, fui convidada para compartilhar um pouco da minha experiência de intercâmbio acadêmico durante minha graduação em Pedagogia. Então vamos lá... realizei o intercâmbio no primeiro semestre de 2014 para a cidade do Porto, localizada em Portugal, a universidade de destino foi a Universidade do Porto. Participei através do edital de mobilidade acadêmica que abre todos os semestres na UnB. A experiência de um intercâmbio é extremamente marcante e transformadora em diversos aspectos, tanto acadêmico/ profissional quanto pessoal. Viver em um outro país, conhecer uma nova cultura, é desafiador, mas também enriquecedor. Há algo novo para se aprender todos os dias. A possibilidade de estudar em uma universidade fora do país e conhecer alunos e professores do mundo todo, sem dúvida, transformaram meu olhar acadêmico e também foram um ponto marcante na decisão do meu futuro profissional. Durante o meu intercâmbio tive a oportunidade de conhecer a Escola da Ponte e observar um pouco do seu cotidiano. Fiquei encantada pela proposta e pela forma como tudo aquilo funcionava, ao retornar para o Brasil decidi fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre a experiência na Escola da Ponte. Acredito que todos deveriam ter a oportunidade de passar por uma experiência de intercâmbio. Infelizmente, na área da educação, mais especificamente na graduação em Pedagogia, este tipo de experiência ainda é muito raro entre os estudantes, em boa parte pela falta incentivo e financiamento para que os estudantes possam ter a possibilidade de estudar fora. Então é isso amores, espero que gostem, qualquer dúvida estou à disposição também. Beijos! ”

3.2.3 Céu, estudante da Pedagogia da Universidade de Brasília, Brasil – Intercambista do *Semillero* Brasil acolhida no *Semillero* Chile

- Querida *semilla*, você pode me contar a sua experiência de intercâmbio sendo outra na língua e na cultura como uma estudante da graduação em Pedagogia?

“A experiência. Eu nunca tinha viajado para fora, foi a primeira experiência que tive de fazer uma viagem internacional. Eu acho que começa com a forma que a gente é tratada no nosso próprio país, eu acho que muda um pouco essa relação dos espaços que a gente começa a ocupar, já começa no próprio aeroporto, quando você fala para os colegas, quando você fala em casa, é uma experiência que te transforma, a maneira como também você é vista por aquele coletivo. Acho que começa quando a gente sai. A diferença dos aviões, dos aeroportos, aquele avião enorme (risos, eu caipira, né?!). Eu achei muito doido, o tamanho dele, as paisagens. Como a gente não se dá conta chegando em outro país, assim, por cima. Só passando pela Cordilheira, porque a gente sabe que, né?! A visão é muito linda, eu achei muito bonita as Cordilheiras, as nuvens. (eu lembrei de você <3). Muito cortando as nuvens. E chegar lá, a forma que nós fomos recebidas, as professoras, tinha o Fernando no aeroporto, uma estudante chilena não de La Serena, então a gente também conheceu pessoas não só da Universidade de La Serena, mas também de quem do país estuda educação Infantil. É uma sensação de muita novidade, você sai um pouco da tua zona de conforto, da tua tranquilidade, você fica analisando a forma das pessoas interagirem, a forma de reagir delas, ficava tentando tatear aquilo, tudo muito estranho para mim. Eu tentei refletir sobre o sentimentos e sensações que estavam me causando aquela experiência, uma delas foi um sentimento de incompletude, de querer ser outro, de estar sendo outra ali, e como aquele encontro com tanta novidade causa transformações em nós. E as vezes coisas pequenas mesmo, uma língua diferente, o exercício e compreender, de ser compreendido, e de identificar como as pessoas são, como ela reagem, e viver o outro é uma sensação que ficou mais forte quando eu fui com a Camila dar uma volta em Coquimbo, porque ela tem toda uma referência com aquele lugar, proximidade. Ela nos levou àquele lugar que tinha acabado de acontecer aquele tsunami, e a cidade se reconstruindo, e pensei no dia a dia das pessoas, como elas viviam. Foi uma reflexão forte lá; e essa incerteza de ter que decidir, como quando o sobrinho da Yanola ficou doente, a gente estava na casa dela, e aí, se fosse aqui no Brasil, como seria a melhor forma de reagir? Culturalmente, como essas questões são tratadas? E estar na casa do outro, não saber se fica, se vai para casa de outra pessoa, e acabou que a gente ficou e foi melhor mesmo ter ficado, o Pedro e o Diego fizeram um esforço muito grande para atender a gente bem, para que a gente se sentisse em casa mesmo com a ausência da Yanola por uns dias. As pessoas também, o Fernando, a Camila, que foram as pessoas que ficaram mais próximas mostrando a cidade, o olhar deles sobre aquilo, e o meu olhar diferente, ao trocar o olhar deles, o

significado que aqueles lugares têm pra eles, e eles foram dizendo e pra mim era tudo tão novo, não tinha a construção de significado, era um lugar novo que eu estava conhecendo, que pra mim, fazia parte da minha experiência, aquele outro lugar, mas pra eles tinha uma história, legal conhecer essa forma de viajar diferente, porque você não é um turista consumidor, você é estrangeiro, mas você conhece muito mais do lugar, dos costumes, estando na casa de alguém, quando você viaja com um propósito maior do que o lazer, a viagem fica muito mais significativa. E essa reflexão sobre o curso, também, foi muito marcante no sentido de que para mim eu tinha uma postura muito rígida, eu só queria fazer as coisas que atendiam meu interesse imediato, na minha formação, as coisas que eu achava que gostava. E aí, eu fui para um evento de educação Infantil, e tinha pessoas de educação especial, e isso me deu uma abertura de compreender que eu não preciso me restringir e até compreender o meu currículo, eu estava lá defendendo um currículo que é totalmente diferente do deles, eles são mais especialistas, e eles falam que a gente é muito generalista, mas acredito que é uma formação mais complexa. E aí eu me pergunto, será que a gente faz essa complexidade no dia a dia? Será que a gente dá conta de abarcar ela? Foi uma reflexão que eu fiz... A gente tem um leque de possibilidades, mas será que a gente aproveita? E não só por nós mesmas, será que somos estimuladas pela própria Faculdade de Educação para que a gente percorra esses caminhos diferenciados e tenha esse olhar que nos possibilite atuar com mais desenvoltura, não mais competência, mas mais atenção, no contexto que a nossa profissão exige? E isso mexeu comigo tanto que eu cheguei no verão e me matriculei na disciplina de Formas de expressão de crianças de 0 a 6 anos, o que eu nunca pensei que faria na vida. E foi massa descobrir leituras mais específicas, sempre fazendo resgate com as disciplinas que eu presenciei no Chile, sempre trazendo um pouquinho de como as coisas se encaixaram. A valorização da extensão nesse processo, eu acho que a gente valoriza pouco, mas uma extensão que tenha essa orientação de você refletir sobre sua prática, então eu viajei, estou aqui fazendo esse relato, pessoas vão escrever sobre isso, a gente vai escrever sobre isso, eu também escrevi sobre isso durante a viagem. Então, esse exercício de sempre se atentar às reflexões, e essa prática. A extensão, sem dúvida, eu sempre fui fã dela, defendo e quero até escrever sobre isso no TCC, com certeza vai ser sobre isso, sobre como os caminhos da extensão provocam questionamentos que as disciplinas não dão conta, foi o que eu questionei lá no Chile, a gente discute muito currículo, currículo, mas, e aí? O que as disciplinas trazem para a gente na formação que ressignificam o nosso olhar como

pedagogas, como profissionais? Elas dão conta disso? São elas que dão conta disso? Ou são outros espaços que a gente constrói? Eu tentei fugir dessas comparações “aqui é melhor? Aqui é pior?”, mas às vezes isso acontece, você acaba vendo algumas diferenças em coisas muito parecidas, eu acho que a coisa mais diferente foi essa organização do curso de Pedagogia, e das Pedagogias, rolou um estranhamento, eu percebi que as Pedagogias lá não têm um linha, o curso de educação especial é muito clínico, como a Camila fala, ela critica isso, eu não sei se eu não tive tempo de absorver, mas eu acho que o curso de educação Infantil lá consegue ser mais complexo do que aqui, traz mais reflexão. Eles usam autores como Moran, falam de transdisciplinaridade. Aquela forma dos professores que fazem parte do curso me parece que não é tão fragmentada, o interesse deles é proporcionar espaço de formação política dos alunos, de construir essas parcerias. Aí você percebe que não tem uma linha para cada Pedagogia, cada curso vai seguir de uma maneira, é muito diferente a linha da educação especial para a linha de pensamentos dos professores da educação Infantil. Não tive tempo de ver a educação básica, aí o questionamento: e aí, essa diferença, o que isso vai dar na prática dessas pessoas? E o nosso curso eu defendo na teoria, mas nós como alunos temos muito que avançar, como o próprio corpo docente. Eu vi muita coisa em relação a minha identidade, eu, branca... Eu sempre me via... Eu sei que a minha mãe tem uma origem indígena, mas quem me olha não vai dizer, aí meu pai traz isso em casa, mais essa herança italiana na família, mas indo pra lá eu consegui resgatar uma América Latina. Muito da minha avó paraguaia, nas falas da Yanola, dos costumes do chá, o jeito de falar, nas crenças religiosas, nessa relação, de saber que eu não sou totalmente índia, mas eu sou latino américa, é daí que vem. E como a minha família também talvez não perceba essa latinidade deles, como eu até então não tinha tanta clareza de quem eu sou, nesse contexto amplo, e foi massa ver isso, e trocar ideia com a minha avó depois, e descobrir de coisas que até então não se falava, parece que elas têm certa... Por que a minha avó nunca falou que ela é paraguaia? Ela nasceu no Paraguai, viveu lá até oito anos, e depois veio para cá, daí o guarani na família, o que a minha mãe não me passa, porque estudou em colégio de freiras e as freiras batiam quando ela falava, então era proibido falar, elas falam entre elas, mas não repassam isso. Eu fiquei insistindo, mas é como se fosse um crime. Então veio esse resgate, eu me situei um pouco, por mais que fique essa questão, ali, marginal, é meio como se eu tivesse consciência dela, as conversas com a minha avó, com a minha tia, trouxeram isso. As falas da Yanola, uma frase me chamou muito a atenção, uma expressão que ela usou e na hora eu reparei: a

minha avó fala desse jeito. A coisa da língua, você se arriscar a falar, eu falava mesmo, não estava nem aí, risos, saí, as vezes as pessoas entendiam, as vezes não, e aí eu repetia, mais devagar, ou falava em português, mas eu queria era treinar. Eles vinham, falavam para eu falar a minha língua, mas eu queria era falar o espanhol, e era massa na universidade eu conseguir entender as coisas, tive dificuldades em compreender, mas eu não deixava de me comunicar, eu falava as coisas que eu queria falar, do jeito que saísse. E eles entendem bem o português, mas quando eles estão numa conversa de amigos, eles falam muito rápido, aí teve uma hora que Camila falou: – Fabi, entendeu? E eu disse: Não! Risos. Um projeto que eu fiquei muito interessada foi o projeto Vertente, que a Camila faz parte, que está o Simon, que é um cara incrível, histórias de vida muito legais, as meninas também, que estavam no evento, ficamos muito próximas. Um comprometimento com a formação deles, daquelas pessoas que eu conheci. As pessoas do *Semillero*, essas reflexões mais críticas e mais profundas que é “o que é ser professor? Quem eu quero ser no mercado? Como eu quero atuar?”. A forma de organização que eles têm de criar projetos em comum, tocar isso juntos, para além dos muros da universidade, e o projeto é muito lindo, eu me encantei, foi a experiência mais gostosa, (...) conhecer esse projeto com eles. Fizemos uma reunião na casa de uma das meninas do *Semillero*, bem legal... Eu acho que a gente tem as mesmas dificuldades que eles enquanto grupo, eles também são muito diferentes, muito diferentes um do outro. A Camila então, que é de outro curso... Não conversei com todas porque estavam organizando o seminário no mesmo período que nós fomos para lá, daí nós tivemos mais contato com os professores do que com os estudantes do *Semillero*, o que eu achei diferente, eu esperava que fosse o contrário, que teríamos mais contato com os estudantes. Os professores são o Carlos, a Yanola, a Silvia e a Clara, que foi quem nos levou para a experiência do *Cabildo de Los Niños*, que as crianças fazem discussões durante as aulas e levam para a praça o resumo desse debate que eles fizeram sobre a questão do lixo, e questões que envolvem o contexto. Eles fizeram uma pauta de reivindicações, e foram apresentar, recebendo no final um certificado. Legal estimular essa oralidade neles... e especialmente por dar uma situada no contexto que eles vivem, com questões e problemas de vida deles e dos adultos, foi bacana. Foi bonito de ver. Parece que é uma parceria entre governo, prefeitura, e as escolas. Alguns problemas em comum, sucateamento das universidades, pouco recurso, problemas em comum. Me situei melhor no contexto que eu vou entrar, que eu estou fazendo, fazer com mais autonomia, mais responsabilidade, e que a

gente exercita pouco, valeu demais a experiência. Eu não me senti triste pelos motivos de distância, clima, nada disso. Eu senti vontade de ficar só, que foi o dia que eu senti o terremoto, para refletir e sentir o lugar, sem interferências, eu senti isso. Um dia eu fiquei em casa sozinha, para escrever um pouco, e pensar nessa experiência. Eu sentia falta de ficar sozinha às vezes, de ter esse tempo de ficar só, de ir na praia sozinha, andar no centro só, pela cidade, as vezes eu tinha vontade de ficar só, e gostei de um dia que não tivemos companhia no passeio, que é o contrário daquele sentimento de quando o outro te apresenta um lugar, eu tive de descobrir, o senso de localização também melhorou, até me perder foi interessante. E a cultura é linda, eu voltei encantada pelos Mapuches, comprei uns livros, uns contos em espanhol, da Gabriela Mistral também. A mãe da Camila também foi muito gente boa, apresentou uns lugares trazendo uma visão mais históricas, e eles são muito ligados com a política deles, numa conversa com a Yanola, o Diego e o Pedro, eles perguntaram sobre o período brasileiro da ditadura, perguntaram o nome dos presidentes, aí eu sabia alguns, e eles zoaram “você não conhecem a história do país de vocês”. Mas eu estudei depois (risos). Foi muito bom. Você vai amar! Vai logo!”

3.2.4 Dádiva, estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília, Brasil – Intercambista do *Semillero* Brasil acolhida no *Semillero* Chile

- Querida *semilla*, você pode narrar sua experiência de intercâmbio e como foi ser outra na língua e na cultura?

“Viajar a intercâmbio é uma modalidade completamente diferente de viajar a turismo. Antes de viajar recebi um conselho de um intercambista: não espere nada e vá com os olhos abertos. Sempre fui uma pessoa que planejava tudo nos mínimos detalhes, pontos turísticos, restaurantes, hotéis, planos secundários, gasto médio por dia etc. e levei este intercâmbio como desafio e resolvi não pesquisar NADA sobre o lugar que iria conhecer. Acredito que foi a melhor coisa que poderia ter feito. Não esperar nada é desafiador, angustiante, mas as surpresas, descobertas e crescimento como pessoa superou tudo. Todo dia foi diferente e não planejado, sabia que iria para uma faculdade, ficaria na casa de uma família, participaria de

um seminário, conheceria o *Semillero* Chile, mas sem nenhum cronograma completamente fechado. Compreendi que na verdade nada está totalmente no nosso verdadeiro controle e aprendi a ser grata a tudo que acontecesse naquela viagem. Muitas coisas são distintas quando se compara a uma viagem turística, como por exemplo, hospedar-se na casa de uma família. Sempre que viajei fiquei em hotéis e percebi que ficar ali me fez vivenciar o cotidiano daquela família, com uma cultura própria, costumes e adaptação ao novo. Se estivesse em um hotel isto não teria acontecido. Que sorte eu tive, me senti muito acolhida e isto me ajudou a ter segurança durante todo processo. Tentei me adaptar ao máximo a rotina daquela família e fiz questão de participar das atividades da casa como lavar a louça, ir à feira, ao mercado, preparar as refeições, troca de experiências, sem falar no desafio de entender e ser entendida que para minha surpresa não foi tão complicado. Ter conhecido a cidade sob o olhar dos moradores é muito melhor que as indicações do guia turístico e acopla todo sentimento de pertencimento daquela pessoa ao ambiente que fui apresentada. Sempre se dá um tempo para conhecer a cidade nem que seja aproveitar a hora do almoço para dar uma volta despretensiosa pelas ruas. O fim de semana pode ser muito bem aproveitado para visitar os lugares que as pessoas lhe indicam e se oferecem para lhe levar. Foi lindo ver pessoas tão dispostas a lhe mostrar os que elas mais gostam de fazer, lugares que frequentam e o cotidiano na cidade. Não há a necessidade de julgar o que é melhor ou pior naquele país. Percebi que os problemas de lá são tão iguais aos nossos, mas em graus diversos. É outra realidade, outra história, por isto respeito se faz necessário. A Universidade de La Serena me recebeu muito bem, lá aprendi que já temos conhecimento ao longo da vida, me preparar para uma apresentação não precisa ser difícil, basta dar o melhor de mim naquele momento. Todos podem ser entendidos desde que exista boa vontade de escutar e uma fala lenta sem medo. Sempre acabo chegando à mesma conclusão quando viajo: o que faz um lugar são as pessoas realmente e você leva um pouco de cada uma no seu coração. Desde as que você teve contato até as que você somente observou em qualquer lugar. Sou grata por ter conhecido cada uma e tido esta experiência.”

3.2.5 Estrela, estudante graduado em Pedagogia pela Fundación Universitaria Luis Amigó, Bogotá – Colômbia – participante do *Semillero* Colômbia em 1998 – revalidando seu diploma na Universidade de Brasília

- Querido amigo, você pode compartilhar comigo sua experiência de sair do lugar que você morava, vivia e conhecia e vir morar no Brasil como um pedagogo que participou do *Semillero* da Colômbia durante sua graduação lá?

“Eu chego aqui no Brasil no ano 2003 como pedagogo formado com a finalidade de estudar teologia, também implementar um projeto aqui no Brasil, um modelo pedagógico para trabalhar com adolescentes em conflito com a lei, que deu origem na Colômbia a mesma Universidade na qual me formei. Esta instituição fundada em 1889, com 127 anos de história e está em mais de 20 países, criou um modelo de atendimento, um modelo pedagógico voltado para esses adolescentes, essa foi a minha formação. Essa foi o motivo da minha vinda ao Brasil. Então a minha experiência formativa nessa universidade, ter participado dos processos de *Semillero de Investigación*, foram bagagem que me permitiram trazer essa experiência e implantar e adaptar essa proposta dessa instituição Congregação dos Religiosos Terciários Capuchinhos para um país completamente diferente, com uma cultura completamente diferente, o Brasil. Primeiro eu tive que quebrar paradigmas, porque por mais que tínhamos o modelo pedagógico e a experiência, a realidade e a cultura é outra, então tinha que adaptar, mas validei o modelo porque por mais diferente que fosse a cultura, tinha pontos que convergia, como por exemplo, a humanização do atendimento do adolescente em conflito com a lei, entender e ressignificar sua história de vida, não utilizar a violência, e formar equipe humana. Quando cheguei à Brasília eu tinha que treinar uma equipe de 200 funcionários que não tinham a menor ideia desse tipo de atendimento, a maioria deles eram vigilantes, agentes de segurança, que tinham a visão de bater, e nós tínhamos como única proposta que a intervenção de que tudo era pedagógico, tudo era amor, porém o amor exigente como nossa única arma, a responsabilidade era a exigência e formação nas regras. Tive que quebrar outro paradigma quanto à necessidade de ter segurança por mais que os princípios da instituição rejeitavam essa ideia, porque aqui a cultura, é de uma outra forma, da violência ao adolescente em conflito com a lei, facilmente poderia colocar em risco a vida de uma pessoa ou de outra. Então, tivemos que conciliar o agente formado não como agentes de segurança, mas como agentes educadores, proporcionando ferramentas pedagógicas. Junto a isso tínhamos que treinar professores normais, educadores, licenciados em artes, história, pedagogos, de diferentes áreas, que tínhamos que contratar e formar; um total de 200

funcionários para trabalhar conosco e para atender 120 adolescentes infratores da lei no Centro de Internação Provisória de Brasília, em sua complexidade e realidade problemática, formando em elementos pedagógicos e terapêuticos. No caso dos professores que eram da escola que deviam ser contratados (foi interessante ouvir a resposta deles, porque conhecer a cultura dos professores brasileiros) que estão comprometidos com a turma e nós, naquele período, preferimos professores de educação física, por que? Porque tínhamos que fazer a parte esportiva, que era o que eles mais gostavam, relacionando com filosofia, história, de outras matérias com a parte pedagógica, então tínhamos que adaptar. Formamos os agentes de segurança como agentes educadores, onde eles não precisavam usar a força em todo momento mas ensinamos três princípios para eles: prevenção, que é o diálogo, a capacidade de estar atentos, que não adiantar se separar da pessoa, mas sim manter contato com ela; mediação, como são adolescentes conflitivos, tinha que ter habilidades mínimas de fala, interagir, saber mediar um conflito, resolver, isolar e mediar a situação, e; contenção efetivamente, quando precisava segurar tudo isso. Com os professores tínhamos que quebrar o medo frente ao adolescente, então ele podia falar, ele era a autoridade, manter o respeito. Então foi muito interessante ver a evolução do projeto, porque foi implementado do ano de 2003 ao ano de 2013, dez anos funcionou o projeto, aí o governo tirou, pelas circunstâncias que sabemos, que tudo acaba. Mas o que foi bom dessa experiência: nós reproduzimos a experiência em vários estados, mas (aqui) dentro de instituição que era a Papuda, que era centro socioeducativo à adolescentes em conflitos com a lei CESAMI – Centro Socioeducativo Amigoniano, em homenagem ao fundador Luis Amigó, nome da minha faculdade na Colômbia, Foi uma experiência muito significativa, para todos os que fizemos parte deste processo, por exemplo um menino falava num cartaz de expressão de avaliação de sentimentos e falava “isso daqui não parece uma cadeia, parece uma escola” então que foi interessante, eu te conto aqui a minha experiência de quebrar paradigmas, eu acho que na Colômbia eu não teria toda essa receptividade que eu tive aqui no Brasil, eu falo a nível pessoal que tive a fortuna de ser acolhido, trazendo algo bom, algo positivo, e ser aceito. Eu tive a possibilidade de aplicar esse projeto em Belém do Pará, Espírito Santo e em Belo Horizonte, nessas áreas. Como professor tive a riqueza de trabalhar com adolescentes nessa situação problemática complexa, trabalhar com educadores que não tinham a mínima ideia mas potencializar o que eles acreditavam. Vou te dar um exemplo: quantos anos você tem? (Eu: 23). 23, você é nova, tinha educadoras da tua idade, e como ensinar a ti, pensando

naqueles educadores que formei, como trabalhar com mais de 15 adolescentes e ainda ser autoridade deles, e formar, educar e não utilizar a violência, e sim a segurança, limites, mas sem domínio pessoal, e fazer como professora com eles. Então tive que formar equipes, no Brasil consegui treinar em mais de 10 anos mais de mil pessoas, com esse modelo pedagógico, Modelo Pedagógico Terapêutico Amigoniano. Eu não digo que sou intercambista, mas que fui enriquecido com a experiência aqui no Brasil, essa foi a minha experiência, é uma troca de experiência gigante. Outra coisa interessante que eu tive que fazer aqui, se eu falo para você “modelo pedagógico *amigoniano*” não tem a mínima ideia do que é isso, não é? Nem que existe e nem sabe o que é isso, não é? Então foi começar por isso, o que é esse modelo. Tive que sistematizar experiências, acho que eu tenho escrito mais em português do que espanhol na vida. Então traduzir, escrever, montar vários livros, vários textos que posso depois te passar *links*, que fazem parte da minha monografia de formação para pós-graduação em gestão educacional, onde eu relato todo esse atendimento, eu tive que sistematizar experiências. Esclareço que não é o meu modelo não, era experiência que estava trazendo inclusive com base na minha monografia da Colômbia que eu tinha que intercambiar e trocar essa experiência aqui no Brasil. E enriquecê-la como responsável pelos processos de formação o que se queria daqui, adaptar a cultura, a tranquilidade, entender a criança daqui, mas também, foi muito interessante que por mais que seja diferente a cultura, nós temos coisas iguais que nos juntam, é o sentido do ser humano, porque independente de que cultura eu seja, qual é o conceito de ser humano que eu tenho?! Então isso era o primeiro trabalho que nós tivemos que fazer, porque se eu acho que trabalho com bandido, criminoso, eu vou ser o primeiro a, se ele me vier me roubar, eu vou bater nele, eu não vou deixar roubar, vou agredir ele, e jogar praga; mas se eu entendo ele como um ser humano, eu vou além da situação, e aí vem o exercício profissional como professor, como educador, o que eu fazer por esse ser humano, o que consigo dele, o que consigo resgatar de esse ser humano, todo pedagogo, todo professor tem como experiência de vida isso, nós que formamos seres humanos, e esse conceito de ser humano **não** é algo já pré estabelecido, é algo que você constrói, dia a dia, ele mesmo te dá as ferramentas de que ser humano é ele, de que ser humano quer ser, que ser humano quer a sociedade, então você começa a ter uma questão filosófica, existencial, mas também com sentido transcendental: olha, estamos aqui no mundo, mais que na lei, aí você lê pra pessoa acreditar em si mesma, então eu tenho que acreditar nesse ser humano, e nós temos também que acreditar no estudante, não falo só do

infrator da lei, como professor acredito no aluno da escola, aquele que me dá mais conflito, o que fica mais calado, como estimular aquele menino mais inteligente que fala mais. A missão do educador é isso: como despertar essa motivação.”

4 Resultados

“ O que o mestre ignorante deve exigir de seu aluno que ele prove que estudou com atenção. A prática do mestre ignorante (...) é a experiência crucial que libera os puros poderes da razão, lá onde a ciência não pode mais vir a seu socorro. O que um ignorante pode uma vez, todos os ignorantes podem sempre. Pois não há hierarquia na ignorância. (RANCIÈRE, 2002, p. 55).”

Nesta perspectiva, tendo a ética e a alegria como potência de movimento da vida, percebemos a experiência do intercâmbio como experiência radical na formação inicial de educadores e educadoras, pois mostra que transforma os singulares olhares estruturantes da docência, em torno do encantamento da prática na reconstrução de si e na maneira de ver e de encarar o outro e mundo. Perceber o valor formativo das vivências de todo dia aprimora o trabalho entre as relações humanas que se constroem coletivamente, no cuidado entre uns e outros, no respeito. Atentar aos laços que se fazem, é ouvir os ecos das vozes que criam e criticam ao redor do mundo, que contam suas histórias e o que aprenderam com elas, constituindo o ser educador. É estar junto, sentar perto, ouvir e sentir com o coração, estar presente.

Para definir os resultados, categorizamos as narrativas a partir dos objetivos desta pesquisa onde recuperamos trechos que confirmam as trajetórias transformadoras e alegres, apresentadas em tópicos a seguir.

4.1 A prática do intercâmbio como experiência radical na formação docente para estudantes do curso de Pedagogia

“(…) vá sem nenhuma expectativa e aberto ao que virá, parece utópico, mas a vida se encarregará das conexões que você fará com as pessoas, vai conhecer grupos de pessoas semelhantes a você. Eu acabei conhecendo pessoas da área de Pedagogia de gerações anteriores e de gerações atuais e foi pura coincidência. Não foi nada planejado. Quando vocês forem ao Chile, vão conhecer pessoas com os mesmos interesses, mas com outra realidade de vida, vão conhecer as semelhanças que há nos diferentes países, há bastante semelhanças. Acho que há mais semelhanças do que diferenças no que se refere à vida universitária, a política universitária, as relações entre os jovens no contexto das saídas noturnas. (...) Sobre as atividades acadêmicas propostas, tive todas as manhãs com atividades aqui na universidade e as tardes estava livre porque tudo o que eu fiz durante as tardes e as noites não foi nada planejado. (...) A minha experiência por aqui não se restringiu apenas a Universidade, assisti algumas aulas do professor Ricardo, que, no entanto, eu vim também para conhecer um projeto de extensão da universidade, então tive flexibilidade nos horários e atividades o que me permitiu conhecer Brasília, desde a UnB ao Paranoá, cidade da periferia de Brasília. (...) Durante dois ou três dias eu decidi ficar sozinho por Brasília, fui sozinho à Torre, aos museus, assim você pode ter sua própria experiência no seu próprio tempo, sem depender de nada e nem de ninguém, e tranquilamente poderá conhecer o que quiser conhecer.” Alecrim

“A experiência de um intercâmbio é extremamente marcante e transformadora em diversos aspectos, tanto acadêmico/ profissional quanto pessoal. (...) A possibilidade de estudar em uma universidade fora do país e conhecer alunos e professores do mundo todo, sem dúvida, transformaram meu olhar acadêmico e também foram um ponto marcante na decisão do meu futuro profissional.” Beija-Flor

“E essa reflexão sobre o curso, também, foi muito marcante no sentido de que para mim eu tinha uma postura muito rígida, eu só queria fazer as coisas que atendiam meu interesse imediato, na minha formação, as coisas que eu achava que gostava. E aí, eu fui para um evento de educação Infantil, e tinha pessoas de educação especial, e isso me deu uma abertura de compreender que eu não preciso me restringir e até compreender o meu currículo, eu estava lá defendendo um currículo que é totalmente diferente do deles, eles são mais especialistas, e eles falam que a gente é muito generalista, mas acredito que é uma formação mais complexa. E aí eu me pergunto, será que a gente faz essa complexidade no dia a dia? Será que a gente dá conta de abarcar ela? Foi uma reflexão que eu fiz... A gente tem um leque

de possibilidades, mas será que a gente aproveita? E não só por nós mesmas, será que somos estimuladas pela própria Faculdade de Educação para que a gente percorra esses caminhos diferenciados e tenha esse olhar que nos possibilite atuar com mais desenvoltura, não mais competência, mas mais atenção, no contexto que a nossa profissão exige? E isso mexeu comigo tanto que eu cheguei no verão eu me matriculei na disciplina de Formas de expressão de crianças de 0 a 6 anos, o que eu nunca pensei que faria na vida. (...) Céu

“Foi lindo ver pessoas tão dispostas a lhe mostrar os que elas mais gostam de fazer, lugares que frequentam e o cotidiano na cidade. Não há a necessidade de julgar o que é melhor ou pior naquele país. Percebi que os problemas de lá são tão iguais aos nossos, mas em graus diversos. É outra realidade, outra história, por isto respeito se faz necessário. (...) Sempre acabo chegando à mesma conclusão quando viajo: o que faz um lugar são as pessoas realmente e você leva um pouco de cada uma no seu coração. Desde as que você teve contato até as que você somente observou em qualquer lugar. Sou grata por ter conhecido cada uma e tido esta experiência.” Dádiva

“Tive que quebrar outro paradigma quanto à necessidade de ter segurança por mais que os princípios da instituição rejeitavam essa ideia, porque aqui a cultura é de uma outra forma, da violência ao adolescente em conflito com a lei, facilmente poderia colocar em risco a vida de uma pessoa ou de outra. Então, tivemos que conciliar o agente formado não como agentes de segurança, mas como agentes educadores, proporcionando ferramentas pedagógicas. Junto a isso tínhamos que treinar professores normais, educadores, licenciados em artes, história, pedagogos, de diferentes áreas, que tínhamos que contratar e formar; um total de 200 funcionários para trabalhar conosco e para atender 120 adolescentes infratores da lei no Centro de Internação Provisória de Brasília, em sua complexidade e realidade problemática, formando em elementos pedagógicos e terapêuticos. (...) Foi uma experiência muito significativa, para todos os que fizemos parte deste processo, por exemplo um menino falava num cartaz de expressão de avaliação de sentimentos e falava “isso daqui não parece uma cadeia, parece uma escola” então que foi interessante, eu te conto aqui a minha experiência de quebrar paradigmas, eu acho que na Colômbia eu não teria toda essa receptividade que eu tive aqui no Brasil, eu falo a nível pessoal que tive a fortuna de ser acolhido, trazendo algo bom, algo positivo, e ser aceito. (...) Em mais de 10 anos mais de mil pessoas, com esse modelo pedagógico, Modelo Pedagógico Terapêutico Amigoniano. Eu não

digo que sou intercambista, mas que fui enriquecido com a experiência aqui no Brasil, essa foi a minha experiência, é uma troca de experiência gigante.” Estrela

O intercâmbio como experiência radical se fixa nas marcas que as vivências trazem consigo, nas intensas reflexões que passam a existir a partir do contato com uma cultura internacional durante o curso de formação de professoras, nas trocas e no conhecimento de outros modos de ser, e ao experimentar outros saberes. É fazer dos sentidos, os instrumentos de sensibilidade no reconhecimento e no estranhamento de seres diferentes de mim, mas iguais em espécie, condição que compõe a diversidade do trabalho docente e necessária para uma prática reflexiva e de qualidade. A curiosidade como impulso neste mundo infinito e dinâmico, estimula a percepção das interconexões que existem entre uns e outros e nas realidades diversas. O desejo e a alegria são como potência de descobrir, de conhecer outro lugar, outras pessoas, e a viagem em si excita o enfrentamento de situações desafiantes que necessita de espontaneidade. A experiência é a busca de sentidos na vida contemporânea, é correr o risco de conhecer o distante, o desconhecido, e resgatar e fortalecer os movimentos de essência e radicalidade como viajantes do e no mundo. Transforma este ser que se reconfigura, se preenche de novas e estrangeiras experiências, num resgate reflexivo e crítico de nossa própria postura e de nosso país, desejando ainda mais transformações. Conhecer um lugar pelo olhar do outro, estar em contato, tê-lo por perto, levar um pouco dele, deixar um pouco de si. Quebrar paradigmas, desconstruir certezas, expandir os horizontes, formar-nos cidadãos do mundo.

4.2 A experiência de ser outro na língua e na cultura

“O fato de eu ter chegado e ter tido contato com um grupo de pessoas muito parecidas comigo foi uma grande vantagem, pois eu pude compartilhar minhas experiências com pessoas com interesses comuns, foi uma coincidência, não sei, mas a graça do intercâmbio é que a gente pode encontrar nossos semelhantes em outro lugar e claro, também conhecer pessoas diferentes. (...) Na primeira semana, era tudo novo, na segunda semana já fui entendendo um pouco e agora na terceira semana, ando sozinho no ônibus tranquilamente, já falo um pouco mais de português do que *portuñol*. Vejo que é um processo, onde a gente desenvolve a capacidade de adaptação de um território que você não conhece, do povo que fala um idioma diferente, enfim, é uma oportunidade tanto de desenvolvimento pessoal como

de desenvolvimento global com seus pares e semelhantes. (...) Me senti muito bem acolhido em Brasília, não tive nenhum conflito, em nenhum momento me senti isolado, sinto que pude entregar um pouco de mim para aqueles que tive contato por aqui e mais do que isso pude estabelecer conexões para o futuro, para que possam ir ao Chile, essas viagens são para isso, para fazer contatos. Como são viagens curtas é importante fazer os contatos necessários para o futuro, para voltarmos a nos contatar em algum momento ou em algum lugar, e é isso. (...) Na primeira semana será tudo novo, na segunda semana tudo será mais familiar e logo vocês vão se virar sozinhos.” Alecrim.

“(...) Viver em um outro país, conhecer uma nova cultura, é desafiador, mas também enriquecedor. Há algo novo para se aprender todos os dias.” Beija-Flor

“(...) É uma sensação de muita novidade, você sai um pouco da tua zona de conforto, da tua tranquilidade, você fica analisando a forma das pessoas interagirem, a forma de reagir delas, ficava tentando tatear aquilo, tudo muito estranho para mim. Eu tentei muito refletir sobre o sentimentos e sensações que estavam me causando aquela experiência, uma delas foi um sentimento de incompletude, de querer ser outro, de estar sendo outra ali, e como aquele encontro com tanta novidade causa transformações em nós. E as vezes coisas pequenas mesmo, uma língua diferente, o exercício e compreender, de ser compreendido, e de identificar como as pessoas são, como ela reagem (...) as pessoas que ficaram mais próximas mostrando a cidade, o olhar deles sobre aquilo, e o meu olhar diferente, ao trocar o olhar deles, o significado que aqueles lugares têm pra eles, e eles foram dizendo e pra mim era tudo tão novo, não tinha a construção de significado, era um lugar novo que eu estava conhecendo, que pra mim, fazia parte da minha experiência, aquele outro lugar, mas pra eles tinha uma história, legal conhecer essa forma de viajar diferente, porque você não é um turista consumidor, você é estrangeiro, mas você conhece muito mais do lugar, dos costumes, estando na casa de alguém, quando você viaja com um propósito maior do que o lazer, a viagem fica muito mais significativa. (...) A coisa da língua, você se arriscar a falar, eu falava mesmo, não estava nem aí, risos, saí, as vezes as pessoas entendiam, as vezes não, e aí eu repetia, mais devagar, ou falava em português, mas eu queria era treinar. Eles vinham, falavam para eu falar a minha língua, mas eu queria era falar o espanhol(...) E eles entendem bem o português, mas quando eles estão numa conversa de amigos, eles falam muito rápido “ Céu.

“Acredito que foi a melhor coisa que poderia ter feito. Não esperar nada é desafiador, angustiante, mas as surpresas, descobertas e crescimento como pessoa superou tudo. Todo dia foi diferente e não planejado, sabia que iria para uma faculdade, ficaria na casa de uma família, participaria de um seminário, conheceria o *Semillero* Chile, mas sem nenhum cronograma completamente fechado. Compreendi que na verdade nada está totalmente no nosso verdadeiro controle e aprendi a ser grata a tudo que acontecesse naquela viagem. Muitas coisas são distintas quando se compara a uma viagem turística, como por exemplo, hospedar-se na casa de uma família. Sempre que viajei fiquei em hotéis e percebi que ficar ali me fez vivenciar o cotidiano daquela família, com uma cultura própria, costumes e adaptação ao novo.” Dádiva.

“Primeiro eu tive que quebrar paradigmas, porque por mais que tínhamos o modelo pedagógico e a experiência, a realidade e a cultura é outra, então tinha que adaptar, mas validei o modelo porque por mais diferente que fosse a cultura, tinha pontos que convergia, como por exemplo, a humanização do atendimento do adolescente em conflito com a lei, entender e ressignificar sua história de vida, não utilizar a violência, e formar equipe humana. (...)” Estrela

O autoconhecimento e o reconhecimento de nós mesmos diante da experiência de ser outro na língua e na cultura se expande na troca cultural. Percebemos nas narrativas, este intercâmbio de percepções, de conhecimentos dentro das semelhanças e das dissemelhanças. Conhecer cidades em outro país é se tornar parte delas, e é tê-las também: em memórias, em sentimentos, como espaço autônomo de viver. O desconhecido que vai se descobrindo e passamos a nos conhecer, conhecendo partes daquele território, a aproximação com a língua, dos modos de viver, e poder querer retornar um outro dia e reencontrar as pessoas que ficaram queridas neste tempo de intercâmbio. A linha tênue entre o desconhecido e o desafio enriquecedor de conhecer, de fazer parte, é se colocar à disposição do que pode vir, encarar. Aprender e ser grata às problematizações presentes no encontro com o outro, que nos desafia e que constitui formação humana entre dois ou mais, e no contato das múltiplas possibilidades de ser de cada coisa, de desconstrução dos porquês e de reconstruções, da construção coletiva e densa que se faz no ouvir e no falar. Expandindo nossa inteligência pelo que é sentido, não só pelo que é lido, fixar os conhecimentos, narrá-los às outras e se banhar na explosão alegre. Aprendizes do mundo.

4.3 A participação dos sujeitos da pesquisa na história do *Semillero*

“Esta experiência de intercâmbio foi um presente da vida que se deu de uma forma interessante, Fátima foi à minha casa e começamos a conversar sobre um projeto de música, isso foi há 4 meses. Foi uma oportunidade que veio e não pude desperdiçar. Daí passou um tempo e já se aproximava a data e começamos a entrar em contato e conversamos sobre o projeto, enviei os documentos, organizamos os detalhes com a universidade. Mas, enfim, tem que fazer intercâmbio, vale muito a pena!” Alecrim

“As pessoas do *Semillero*, essas reflexões mais críticas e mais profundas que é o que é ser professor? Quem eu quero ser no mercado, como eu quero atuar. A forma de organização que eles têm de criar projetos em comum, tocar isso juntos, para além dos muros da universidade, e o projeto é muito lindo, eu me encantei, foi a experiência mais gostosa, (...) conhecer esse projeto com eles. Fizemos uma reunião na casa de uma das meninas do *Semillero*, bem legal... Eu acho que a gente tem as mesmas dificuldades que eles enquanto grupo, eles também são muito diferentes, muito diferentes um do outro. A Camila então, que é de outro curso... Não conversei com todas porque estavam organizando o seminário no mesmo período que nós fomos para lá, (...)” Céu.

“A Universidade de La Serena me recebeu muito bem, lá aprendi que já temos conhecimento ao longo da vida, me preparar para uma apresentação não precisa ser difícil, basta dar o melhor de mim naquele momento. Todos podem ser entendidos desde que exista boa vontade de escutar e uma fala lenta sem medo. (...)” Dádiva.

“A minha experiência formativa nessa universidade, ter participado dos processos de *Semillero de Investigación*, foram bagagem que me permitiram trazer essa experiência e implantar e adaptar essa proposta dessa instituição Congregação dos Religiosos Terciários Capuchinhos para um país completamente diferente, com uma cultura completamente diferente, o Brasil. (...) Se eu falo para você “modelo pedagógico *amigoniano*” não tem a mínima ideia do que é isso, não é? Nem que existe e nem sabe o quê que é isso, não é? Então foi começar por isso, o que é esse modelo. Tive que sistematizar experiências (...) Esclareço que não é o meu modelo não, era experiência que estava trazendo inclusive com base na minha monografia da Colômbia que eu tinha que intercambiar e trocar essa experiência aqui no Brasil. E enriquecê-la como responsável pelos processos de formação o que se queria daqui, adaptar a cultura, a tranquilidade, entender a criança daqui, mas também, foi muito

interessante que por mais que seja diferente a cultura, nós temos coisas iguais que nos juntam, é o sentido do ser humano, porque independente de que cultura eu seja, qual é o conceito de ser humano que eu tenho?! (...)” Estrela

O projeto *Semillero de Investigación* surge numa perspectiva de transformação e de qualidade na educação. Em cada tempo e em cada espaço que germina, essa premissa se mantém, trazendo cada composição latino-americana um particular crescimento do projeto. Tivemos o prazer de ouvir estudantes de diferentes núcleos do projeto (do Chile, do Brasil e da Colômbia) e recuperamos suas participações e contribuições no processo de formação e fortalecimento nas universidades como *semillas*. Em todas as narrativas entendemos o *Semillero* como espaço de trocas de conhecimentos e de experiências formadoras de nossa identidade como pessoas e como educadoras. O projeto aparece como um presente da vida, como espaço de reflexão e de ação, de recepção e acolhimento eternizados na fala e na escuta sensíveis, e de troca internacional entre estudantes e sementes no planeta.

4.4 A formação docente constituída e potencializada a partir do intercâmbio

“Como são viagens curtas é importante fazer os contatos necessários para o futuro, para voltarmos a nos contatar em algum momento ou em algum lugar, e é isso, um resumo para aqueles que vão ao Chile. Sem expectativas, abertos a tudo, olhos e ouvidos abertos, fazer as conexões necessárias para voltar e estar dispostos a receber o que virá, pois tudo será um ganho. Se por um acaso, tiver uma experiência negativa, será uma aprendizagem.” Alecrim.

“Durante o meu intercâmbio tive a oportunidade de conhecer a Escola da Ponte e observar um pouco do seu cotidiano. Fiquei encantada pela proposta e pela forma como tudo aquilo funcionava, ao retornar para o Brasil decidi fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre a experiência na Escola da Ponte. Acredito que todos deveriam ter a oportunidade de passar por uma experiência de intercâmbio. Infelizmente, na área da educação, mais especificamente na graduação em Pedagogia, este tipo de experiência ainda é muito raro entres os estudantes, em boa parte pela falta incentivo e financiamento para que os estudantes possam ter a possibilidade de estudar fora”. Beija-Flor.

“E foi massa descobrir leituras mais específicas, sempre fazendo resgate com as disciplinas que eu presenciei no Chile, sempre trazer um pouquinho como as coisas se

encaixaram. A valorização da extensão nesse processo, eu acho que a gente valoriza pouco, mas uma extensão que tenha essa orientação de você refletir sobre sua prática, então eu viajei, estou aqui fazendo esse relato, pessoas vão escrever sobre isso, a gente vai escrever sobre isso, eu também escrevi sobre isso durante a viagem. Então, esse exercício de sempre se atentar às reflexões, e essa prática. A extensão, sem dúvida, eu sempre fui fã dela, defendo e quero até escrever sobre isso no TCC, com certeza vai ser sobre isso, sobre como os caminhos da extensão provocam questionamentos que as disciplinas não dão conta, foi o que eu questionei lá no Chile, a gente discute muito currículo, currículo, mas, e aí? O que as disciplinas trazem para a gente na formação que ressignificam o nosso olhar como pedagogas, como profissionais, elas dão conta disso? São elas que dão conta disso? Ou são outros espaços que a gente constrói? (...) Um comprometimento com a formação deles, daquelas pessoas que eu conheci. As pessoas do *Semillero*, essas reflexões mais críticas e mais profundas que é o que é ser professor? Quem eu quero ser no mercado, como eu quero atuar. A forma de organização que eles têm de criar projetos em comum, tocar isso juntos, para além dos muros da universidade, e o projeto é muito lindo, eu me encantei, foi a experiência mais gostosa, (...) conhecer esse projeto com eles. Fizemos uma reunião na casa de uma das meninas do *Semillero*, bem legal... Eu acho que a gente tem as mesmas dificuldades que eles enquanto grupo, eles também são muito diferentes, muito diferentes um do outro.” Céu.

“(...) Que sorte eu tive, me senti muito acolhida e isto me ajudou a ter segurança durante todo processo. Tentei me adaptar ao máximo a rotina daquela família e fiz questão de participar das atividades da casa como lavar a louça, ir à feira, ao mercado, preparar as refeições, troca de experiências, sem falar no desafio de entender e ser entendida que para minha surpresa não foi tão complicado. Ter conhecido a cidade sob o olhar dos moradores é muito melhor que as indicações do guia turístico e acopla todo sentimento de pertencimento daquela pessoa ao ambiente que fui apresentada. Sempre se dá um tempo para conhecer a cidade nem que seja aproveitar a hora do almoço para dar uma volta despreocupada pelas ruas.” Dádiva

“(...) o primeiro trabalho que nós tivemos que fazer, porque se eu acho que trabalho com bandido, criminoso, eu vou ser o primeiro a, se ele me vier me roubar, eu vou bater nele, eu não vou deixar roubar, vou agredir ele, e jogar praga; mas se eu entendo ele como um ser humano, eu vou além da situação, e aí vem o exercício profissional como professor, como

educador, o que eu fazer por esse ser humano, o que consigo dele, o que consigo resgatar de esse ser humano, todo pedagogo, todo professor tem como experiência de vida isso, nós que formamos seres humanos, e esse conceito de ser humano **não** é algo já pré-estabelecido, é algo que você constrói, dia a dia, ele mesmo te dá as ferramentas de que ser humano é ele, de que ser humano quer ser, que ser humano quer a sociedade, então você começa a ter uma questão filosófica, existencial, mas também com sentido transcendental: olha, estamos aqui no mundo, mais que na lei, aí você lê pra pessoa acreditar em si mesma, então eu tenho que acreditar nesse ser humano, e nós temos também que acreditar no estudante, não falo só do infrator da lei, como professor acredito no aluno da escola, aquele que me dá mais conflito, o que fica mais calado, como estimular aquele menino mais inteligente que fala mais. A missão do educador é isso: como despertar essa motivação.” Estrela

As transformações que ocorrem em nós durante a vida afetam nossos modos de agir e de pensar. A experiência de intercâmbio durante o curso de graduação em Pedagogia reflete numa prática educativa de intensas aprendizagens e surpreendentes encantamentos, sendo o contato com educandos e educandas um contato sensível que busca espontaneidade no pensar, e não respostas decoradas prontas. Conhecer outra cultura e viver um tempo com ela, é perceber que nada é exato e imutável. Sem dúvidas, estas pessoas estudantes de Pedagogia que realizaram o intercâmbio são pessoas transformadas e agora repletas de sensibilidade no olhar diante do outro, do diferente. A experiência do intercâmbio aqui se fixa em radicalidade na transformação deste ser que se constitui e se potencializa em formação acadêmica inicial, sentidos estes que expandem a qualidade na prática educativa onde quer que eles se percebam pessoas educadoras. Os objetivos foram alcançados quando sentimos no olhar a alegria de narrar ser outro, de refletir e aprender com a experiência.

5 Considerações Finais

O presente trabalho teve por interesse a aproximação de estudantes do curso de Pedagogia que realizaram o intercâmbio e narraram suas experiências, que analisadas, aparecem como experiências reflexivas de autoconhecimento, de formação de identidade cultural, e relações coletivas buscando a raiz (a radicalidade) de ser uma boa educadora. Nos favoreceu aqui, a análise qualitativa das narrações, os afetos e sentidos dados e sentidos por quem passa pela experiência de viajar a um outro lugar e conhecer uma outra cultura, que se

permite aos atravessamentos causados pelas diferenças e pelas semelhanças entre os povos e a língua que os une, que se sensibiliza e que reflete com estas experiências. É necessário se fazer presente e se atentar às contribuições que cada curva cruzada traz e refletir como isso interfere e potencializa a nossa formação humana. Cada momento ensina, lapida o nosso ser, nos põe em contato com outros seres, e contribuimos com um mundo plural e de paz, onde quer que estivermos.

Como considerações finais trazemos o que, ao ler teorias e ouvir narrativas, percebemos como relevante contribuição a deixar ao curso de Pedagogia. Atingimos a compreensão da transformação radical passada por estudantes ao realizar o intercâmbio e ser outro na língua e na cultura, que retorna ao seu país de origem atravessados pelos conhecimentos que adquiriram nas trocas de culturas com outras pessoas que não existiam até o momento que seus caminhos se cruzaram, e ensina a sensibilidade de conhecer e respeitar outro ser humano que tem divergências e convergências com seus pensamentos e sentimentos, mas que também deixa sua marca no mundo. Uma pessoa transformada por essa experiência radical leva para onde for, como educadora e ser político, sua sensibilidade no olhar e no contato com o externo a ela; expande a percepção de coletividade, e da união necessária para retomar o que sistematicamente estão nos roubando lentamente: a nossa humanidade.

O desejo não é somente num lugar educacional institucionalizado, fechado, onde se *atua*; é na consciência da minha educação enquanto pessoa, ocupando os espaços de maneira educativa e sensível onde a vida nos levar, é pela liberdade para interpretar o mundo como mais me for prazeroso e atraente, tendo a alegria e a ética como companhia, sendo nem o céu o limite.

Através das narrativas estudantis, percebemos a experiência radical na formação docente inicial que se configura e transforma os olhares, e ressignificam estes sujeitos que saem de seu país e experimentam outros sabores, novas variações, e nas explosões que surgem nestes encontros, a sensibilização se torna presente. O contato faz questões sólidas fluírem, a curiosidade e a surpresa fazem parte da experiência, que marca na memória e transborda com a narração.

A experiência de ser outro na língua e na cultura nos exige presença, consciência, tira-nos do estado automático que muitas vezes nos afundamos. Cobra-nos reflexões,

criticidade, improvisos e criatividade. Nos dá espaço ao diálogo, nos oferece proximidades e nos propõem desafios. Ensina a ouvir a nós mesmas.

A história do *Semillero* segue, e dão continuidade as perspectivas que o projeto busca com seus e suas integrantes, compondo o corpo do grupo, dando identidade específica em cada espaço e em cada lugar onde existe. O projeto intensifica a relação entre estudante, com o outro e com a comunidade, mostrando as particularidades e as possibilidades de agir e de existir. Os conhecimentos que as *semillas* trocam entre si quando narram suas experiências se cristalizam como energia ao movimento do *Semillero*, a receptividade com que o lugar se expressa nos atravessamentos existentes e suas interferências na vida.

As formas que o intercâmbio propõe de potencializar a formação docente a partir da experiência de intercâmbio se desenvolve em cada esquina cruzada, em cada diálogo trocado, como ao acaso, que surpreende e que ensina, como experiência singular e original, a cada pessoa. Toca o ser e o coloca de outra maneira, atingindo os ambientes que este novo ser se encontrar e agir politicamente, as novas perguntas que passamos a sistematizar. Novamente, e sempre mais.

Parte 3

Perspectivas futuras e profissionais

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (...) considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. (BENJAMIN, 1986, p. 205)”

Como educadora, eu não descobri um lugar para estar, um ofício a cumprir. O universo é muito grande e as possibilidades são infinitas. A minha única certeza é que quero seguir me transformando, atravessada por experiências e reflexões, eu quero poder narrá-las e ser instrumento de paz para um mundo mais justo. Quero ouvir e quero ser ouvida enquanto estiver viva, quero trocar sorrisos e conhecer culturas. E conhecer de Leste a Oeste neste globo e viagens extraterrestres, se possíveis, visitar a Lua... Deixar as minhas marcas.

Finalizo feliz este ciclo, e neste presente alegre, o futuro só poderá ser em sementeiras, colheitas, plantios e florescimentos. Agradeço.

Referências

- BENJAMIN, W. Brinquedo e brincadeira. Observações sobre uma obra monumental (1928). In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 2. ed. Brasiliense, 1986d. [Obras Escolhidas. v. 1];
- _____. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 2. ed. Brasiliense, 1986a. [Obras Escolhidas. v. 1];
- _____. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 2. ed. Brasiliense, 1986b. [Obras Escolhidas. v. 1];
- _____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 103-149. [Obras Escolhidas, v. 3];
- _____. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 2. ed. Brasiliense, 1986c. [Obras Escolhidas. v. 1];
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de educação*. n. 19, jan/fev/mar/abr. 2002;
- CALVO, C. M. **Del mapa escolar al territorio educativo**. Diseñando la escuela desde la educación. La Serena: Universidad de La Serena, 2013;
- CABRAL, T. *et al.* **Realidade do intercâmbio e da modalidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina**;
- DALMOLIN, I. et al. **Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, mai. 2013. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf>. Acesso em: 02 set. 2015;
- DAWSEY John C. **Victor Turner e antropologia da experiência**. *Cadernos de Campo*, n. 13: 163-276, 2005.;

DROPA, M. M. *et al.* **Entre teoria e prática: o intercâmbio cultural como forma de aprendizagem.** Congresso Internacional de educação, Pesquisa e Gestão. Universidade Estadual de Ponta Grossa;

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 25ª edição, 1996;

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42.ª edição, 2005;

_____. **A Importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1990;

_____. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001;

GALLÓN, L.F.M. **Orígenes y Dinámica de Los Semilleros de Investigación na Colômbia** – La visión de los Fundadores. Medellín: Universidad del Calca. Universidade de Antioquia. 2009;

GARCIA, L. D. L; PADIERNA, C.M.Z e MORALES, Y. A. A. **La experiência de formación em el Semillero de investigación de administración, negócios internacionais y economia.** *La voz del semillero*, N. 3, Colômbia, ago. 2010. Disponível em: www.funlam.edu.co/uploads/centroinvestigaciones/publicaciones/la.voz.del.Semillero.No3.pdf Acesso em: 29 de mai. de 2016;

GODOY, P. **O corpo, a potência e os afetos segundo Spinoza.** *Jornal Existencial on line* . Disponível em: <www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/paulaspiniza.htm> Acesso em 30 de nov. de 2015;

ILLICH, I. *et al* **Educação e Liberdade.** Editora Imaginário

LEITE, M. I. Linguagens e autoria: registro, cotidiano e expressão. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autores e transgressão.** Campinas: Papirus, 2004;

LINS, D.: **A alegria como força revolucionária: ética e estética dos afetos.** 11 fev. 2011. Entrevista a Marcia Tiburi. Disponível em: <schizobehavior.blogspot.com.br/2011/06/alegria-como-forca-revolucionaria.html> Acesso em: 05 mar. de 2016;

LOURENÇO I. **Intercâmbio é o novo recurso de Iniciação Científica.** PET UFJF, 2012;

LÓPEZ DE MATURANA, S. L. **Los Buenos profesores: educadores comprometidos con un proyecto educativo.** La Serena: Universidad de La Serena, 2009;

OLIVEIRA, C. L. **Pesquisa Qualitativa.** *Revista Travessias*. Ed. 4

OLIVEIRA, F. B. **educação e infância em Espinosa.** *Filosofia e educação*, v. 5, n. 1, abri/set de 2013.

OLIVEIRA, W. C. **Espinosa: um pedagogo da alegria?** *Revista FUNREI*, São Paulo, n. 2, p. 45-55, jul 2000;

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante.** Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002;

REIS, H. **Constituição do ser humano: amor-poder-saber na alfabetização de jovens e adultos.** São Paulo: Autores Associados, 2011;

SANTOS, G. A. As narrativas e as trajetórias das histórias de vida dos educadores: olhares singulares e estruturantes da docência. UNEB/FVC, 2013 Disponível e: www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012_2/4_AS_NARRATIVAS_TRAJETORIAS_HIS

[TORIAS_VIDA_EDUCADORES_Geisa_Santos_51_65.pdf](#) Acesso em: 08 de mar. de 2016);

SANTOS, W. A. et al: **O intercâmbio acadêmico internacional como estratégia educativa cultural**: relato de experiência. *Revista Enfermagem Profissional*. v. 1 n.2 jul./dez. p. 304:314; 2014. Disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/enfermagemprofissional/article/view/3693/pdf_1407 > Acesso em: 8 de mar. de 2016;

SILVA, A. G. **Meu querido Erasmus**: Intercâmbio como produção cultural. UFF, Rio de Janeiro, 2012;

TAMIÃO, T. S. **Revisão da literatura sobre intercâmbio cultural estudantil**: renovação das práticas turísticas. 6º. Caxias do Sul – RS: Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: *Saberes e fazeres no turismo*: Interfaces. 12p, 2010;

TRINDADE, R. **Espinosa – origem e natureza dos afetos**. Disponível em: <razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/>. Acesso em: 30 de nov. de 2015

TURNER, V. **Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência** (primeira parte). *Caderno de Campo*, n. 13: 177-185, 2005;

Apêndices

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Agradecemos a sua amável participação, _____ na pesquisa Narrativas Estudantis: a prática de intercâmbio como experiência radical na formação docente para estudantes de Pedagogia, sob orientação da professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues como trabalho de conclusão de curso da estudante Laís Rainna Guedes.

Sua narrativa, que se deu de maneira voluntária, contribui para reflexões na análise qualitativa do tema e das relações propostas nos objetivos do trabalho, que foram (i) investigar, a partir de narrativas estudantis, se a prática do intercâmbio pode se configurar como experiência radical na formação docente inicial para estudantes de Pedagogia, (ii) compreender como se dá a experiência de ser outro na língua e na cultura, (iii) pesquisar a história dos projetos *Semillero* na América Latina e (iv) como a formação docente inicial pode se constituir e se potencializar a partir do intercâmbio.

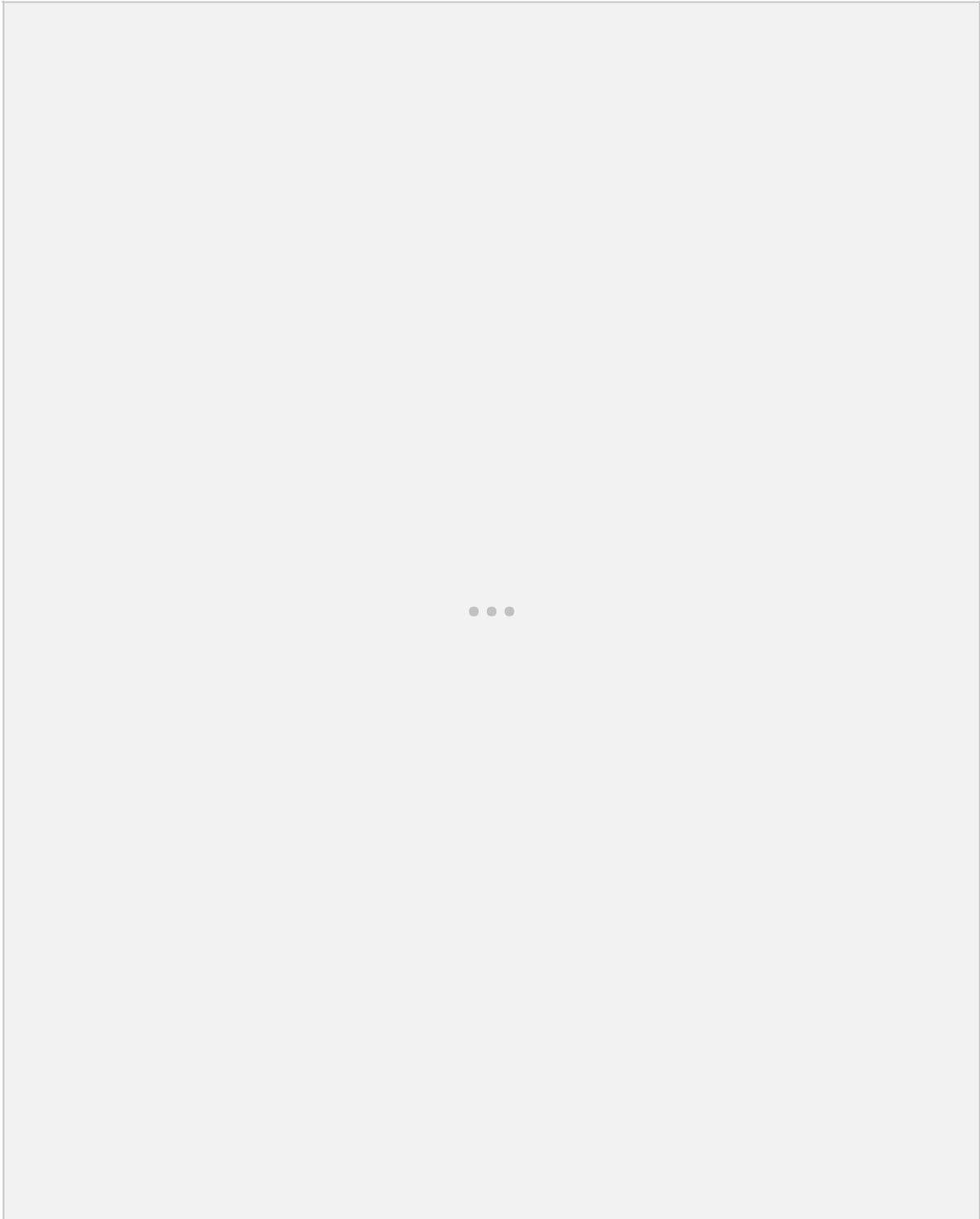
A pesquisa será publicada, e sua identidade será preservada. Informo que, para qualquer dúvida, esclarecimento ou contato, atendo no 61 9 8250 3685 e no laisr.guedes@gmail.com.

Agradecida, Laís Rainna Guedes Cruz
Consentimento pós-informação:

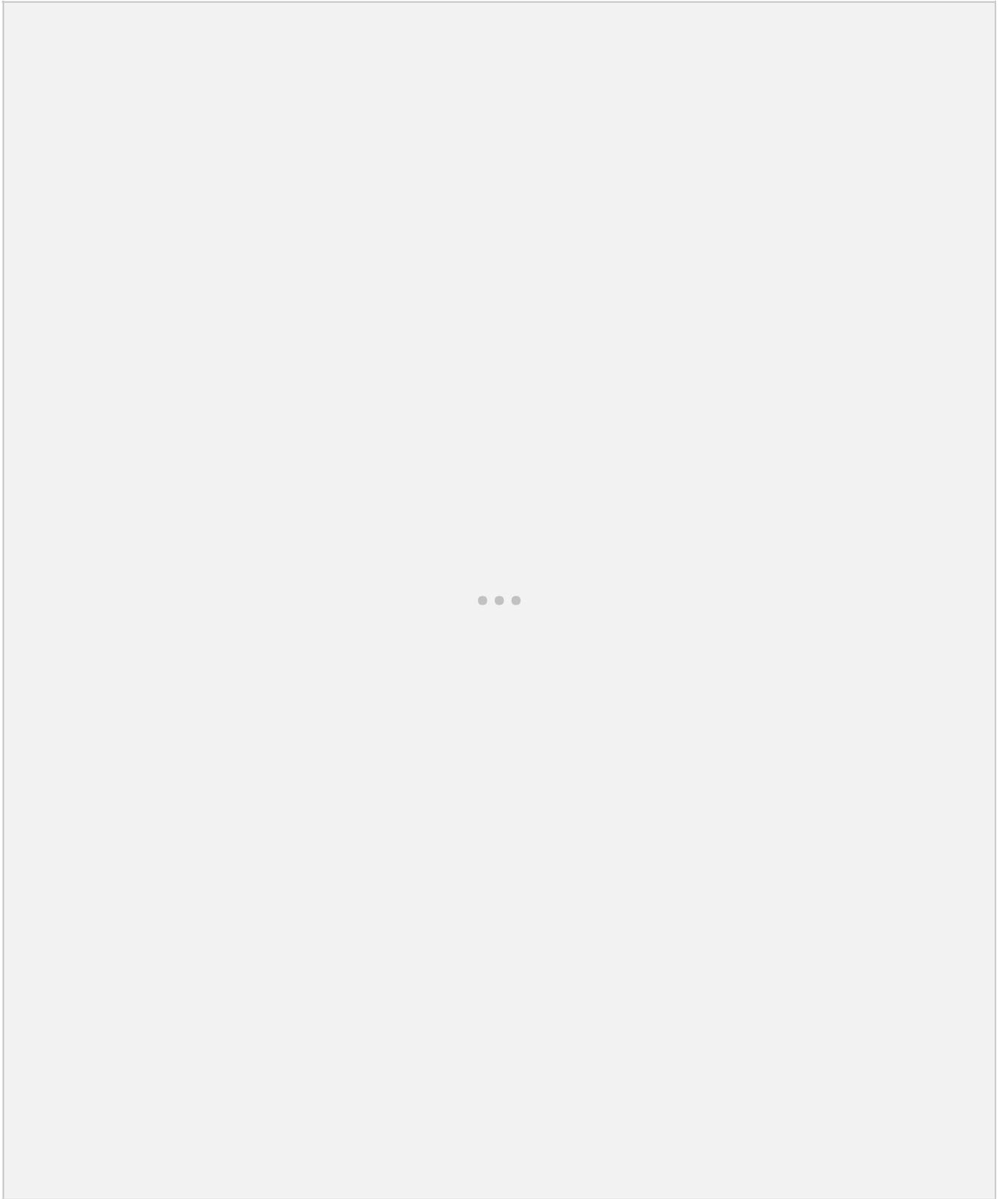
Eu, _____ de livre acordo com as pesquisadoras, deixo minha contribuição ao TCC com tema referido acima e concordei em participar da pesquisa.

Assinatura: _____ Data: ___ / ___ / ___

Print Screen da página Narrativas de Intercâmbio no *Facebook*



Página Inicial hoje



Álbum de Fotos

 **Amanda Ramos**
2 de dezembro de 2015 às 21:04

Olá gente, Fui convidada para compartilhar um pouco da minha experiê... Ver mais

26 4 1

Descurtir · Comentar · Mensagem

 **Iara Txai**
29 de setembro de 2015 às 07:47

Para quem se interessa pela pedagogia social 😊

2

Descurtir · Comentar · Mensagem

PESSOAS TAMBÉM CURTIRAM



Agrofloresta na Aldeia Altiplano
Comunidade



Maximiza Reforço Escolar
Serviços profissionais



Devaneios Dela.
Comunidade

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)



 Curtir  Comentar  Compartilhar

  15

Ordem cro



Yanola Isabel González Diaz me gusta esa disposición¡¡¡¡..... Un abra cada uno y otro muy especial para mi amiga Fatima.
Ver tradução

Descurtir · Responder · Enviar mensagem · 1 · 21 de maio às 11:3



Narrativas de intercâmbio um abraço forte em você!

Curtir · Responder · Comentado por Violeta Flor (?) · 24 de maio 21:59



Escreva um comentário...



Narrativas de intercâmbio

Publicado por Violeta Flor (?) · 12 de maio ·

"Não vamos falar sobre a alegria, vamos falar com alegria. Pode interessante falar com porque falar sobre pode ainda guardar um distância...." Daniel Lins

(lindo ♥)



Café Filosófico: Alegria como f revolucionária, ética e estética afetos - Daniel Lins

Alegria. Alegria como vontade. Como a filoso desse assunto aparentemente trivial? Para o

YOUTUBE.COM

33 pessoas alcançadas

Impulsionar pu

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Algumas postagens

“... eu tenho fé, amor e a fé no século 21, onde as conquistas científicas, espaciais, medicinais, e a confraternização dos homens e a humildade de um rei serão as armas da vitória para a paz universal.”
Racionais MC's

